

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

ELIDÁRIA APARECIDA ALVES DA ROCHA

AÇÃO DO (A) BIBLIOTECÁRIO (A) NA INTELIGÊNCIA COMPETITIVA

Rio de Janeiro

2018

ELIDÁRIA APARECIDA ALVES DA ROCHA

AÇÃO DO (A) BIBLIOTECÁRIO (A) NA INTELIGÊNCIA COMPETITIVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador (a): Professora Doutora Marianna Zattar.

Rio de Janeiro

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R672a Rocha, Elidária Aparecida Alves da.
Ação do (a) bibliotecário (a) na Inteligência competitiva. / Elidária
Aparecida Alves da Rocha. – Rio de Janeiro: 2018.
84 f.: il.

Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Curso de
Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade
Federal do Rio de Janeiro, 2018.
Orientadora: Marianna Zattar.

1. Inteligência competitiva. 2. Bibliotecário. 3. Bibliotecária. 4.
Produção científica. 5. Biblioteconomia. I. Zattar, Marianna. II. Título.

CDD 020

Elaborada pela autora

ELIDÁRIA APARECIDA ALVES DA ROCHA

AÇÃO DO (A) BIBLIOTECÁRIO (A) NA INTELIGÊNCIA COMPETITIVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, 04 de dezembro de 2018.

Profa. Dra. Mariana Zattar
Orientador (a)

Profa. Dra. Maria José Veloso da Costa
Membro interno

Profa. Dra. Nysia Oliveira de Sá
Membro externo

A Deus, “Interior intimo meo et superior
summo meo.” (Confissões, III, 6, 11)

A meus pais, Helena e Dalvino.

À Lela.

AGRADECIMENTOS

Ofereço meu indigno agradecimento, antes de tudo, a Deus, não pela conclusão desta graduação ou por qualquer um dos inúmeros benefícios temporais que Ele, em sua infinita misericórdia, me concede, mas por todos os dons espirituais que me permitem buscar os bens eternos que, Ele próprio, anseia me oferecer. Associo a este agradecimento as palavras do querido padre, São Josemaría Escrivá: “Porque Ele é bom. - Porque é teu Amigo, que deu a sua Vida por ti. - Porque tudo o que tens de bom é dEle.” (Caminho, 436).

Aos meus amados pais, Helena e Dalvino, por sua incondicional, generosa e exemplar abertura à vida, que me proporcionou estar aqui, por todo infatigável esforço para me dar uma boa educação e o exemplo de uma vida reta, por todas as vezes que esqueceram de si mesmos para cuidar de cada um de nós, seus filhos. Tudo que foi feito até aqui é dedicado a vocês.

A todos os meus irmãos, Dorgi e Mério, Tida e Guga, meu compadre, ao Zé Augusto, companheiro de infância, e especialmente a Duhélio, que foi chamado à Glória Eterna mais cedo. Todos sentimos sua falta.

Agradeço, especialmente, à Lela, por ser uma “irmãdrinha” muito melhor do que mereço, por ser um modelo nessa e em muitas outras jornadas e por abrir os caminhos, mostrando que tudo isso era possível, por aguentar minha tagarelice e por ser minha companheira de canto: “I will be there at your side / To remind you how I still love you / I still loooove you.” E sempre vou te amar!

Aos meus cinco gatos Linda, Chiara, Gandalf, Bilbo e meu caçula Benjamin, por serem os melhores companheiros nas madrugadas em claro ao longo dessa graduação.

Aos meus Gabriel e Brisa, por tornarem os anos de faculdade mais doces, divertidos e cervejeiros. Ao Gabs, por estar presente desde a primeira semana de aula nesta luta, por toda leveza, todo carinho e por essa amizade, que se fortalece em meio às diferenças. À Brisa, de quem mal posso falar sem me emocionar, por ser uma das pessoas mais excepcionais que conheço, por ser tão compreensiva e generosa, por todas as conversas – sóbrias ou não –, por não se levar tão a sério como a maioria das pessoas e por não me levar a sério também, enfim, obrigada por aparecer e permanecer na minha vida. Agradeço a ambos por compartilharem essa jornada comigo.

Às meninas do “grupinho do canto”, por tornarem as idas à Cidade Universitária – apesar de poucas, confesso, rsrs – mais leves e divertidas, por aceitarem esse pezinho da Praia Vermelha no meio de vocês, num período de recente mudança de campus e poucos amigos. Obrigada por toda generosidade e delicadeza.

Agradeço ao curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, por me apresentarem essa profissão que é, sem dúvidas, a melhor escolha de curso que poderia ter feito. A todo corpo docente e técnico que trabalham na secretaria do curso, especialmente à professora Mariza Russo, por sua incansável dedicação ao curso, e à Regina Trindade, pela presteza e simpatia no atendimento aos alunos.

Às professoras Mazé e Nysia, por aceitarem o convite para compor a banca avaliadora deste trabalho e, antes disso, por todo conteúdo e amor à profissão transmitidos.

À minha orientadora, Marianna Zattar, por ser uma acadêmica exemplar e uma professora com todos os atributos que essa nobre ocupação requer, pela paciência, dedicação e apoio ao longo de todo esse período de orientação.

“Nossas mentes são, na maioria das vezes,
uma vasta biblioteca não catalogada.”
(CHESTERTON, G. K., 1924, p. 9).

RESUMO

Apresenta uma revisão de literatura sobre a produção científica do (a) profissional bibliotecário (a) na área da Inteligência competitiva, no campo de estudos da Informação. Exibe um arcabouço teórico sobre o tema Inteligência competitiva (Gomes, Braga e Valentim) e assinala as definições referentes ao (à) profissional bibliotecário (a) a partir da legislação atualizada e da literatura da área (Cunha, Crivellari e UNIRIO). Estabelece o emprego do método científico exploratório para confecção do estudo e o levantamento bibliográfico como modelo de pesquisa, utilizando análise quantitativa e qualitativa. Especifica como campo de pesquisa as bases de dados referenciais Library and Information Science Abstracts (Lisa) e Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), determina os critérios para fixação da população e amostra e, por fim, das técnicas de coleta e análise dos dados que compõem a pesquisa. Expõe como resultado o panorama da produção científica da área desenvolvida por bacharéis em Biblioteconomia, apresentando o percurso dessa produção ao longo dos anos, bem como dispersões por periódicos e regiões, identifica os autores que mais publicaram sobre a temática, analisa a classificação Qualis-Periódicos dos artigos e elabora a representação temática dos mesmos. Conclui, a partir do conjunto de dados recuperados e estruturados, que o (a) bibliotecário (a) tem significativa participação na produção científica da área de Inteligência competitiva e que esse interesse pela temática se manifestou logo que ela se consolidou como matéria do conhecimento científico, apresentando considerável acentuação na última década.

Palavras-chave: Inteligência competitiva. Bibliotecário. Bibliotecária. Produção científica. Biblioteconomia.

ABSTRACT

That's a literature review on the scientific production of the professional librarian in competitive intelligence area in of information studies field. Congregates a theoretical framework on the subject of competitive intelligence (Gomes, Braga and Valentim) and marks the definitions regarding the professional librarian from the updated legislation and the literature of the area (Cunha, Crivellari and UNIRIO). Establishes the exploratory scientific method use for the preparation of the study and the bibliographic survey as a research model, using quantitative and qualitative analysis. Specifies as field of research the reference databases the Library and Information Science Abstracts (Lisa) and the Reference Database of Periodical Articles in Information Science (Brapi), determines the criteria for setting the population and sample and, finally, the data collection techniques and analysis that make up the research. Presents as a result the scientific production panorama of the area developed by bachelors in Librarianship, showing the course of this production over the years, as well as dispersions by periodicals and regions, identifies the authors who published the most on the subject, analyzes the Qualis-Periodical articles classification and elaborates the thematic representation of them. Concludes from the set of recovered and structured data that the librarian has a significant participation in the scientific production of the competitive intelligence area, a subject that, from the moment it was consolidated as a matter of scientific knowledge, aroused more and biggest attention of these professionals, interest that is having a considerable increase in the last decade.

Keywords: Competitive intelligence. Librarian. Scientific production. Librarianship.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Capitais do Conhecimento.....	20
Figura 2 -	Ciclo da Inteligência.....	22
Figura 3 -	Perfil do pesquisador de Inteligência competitivas.....	25
Quadro 1 -	Publicações descartadas da análise.....	46
Gráfico 1 -	Dispersão da produção científica por ano.....	48
Quadro 2 -	Frequência dos (as) autores (as).....	50
Gráfico 2 -	Dispersão por periódico científico.....	51
Quadro 3 -	Periódico não registrado na Plataforma Sucupira.....	54
Gráfico 3 -	Dispersão por região.....	55
Figura 4 -	Nuvem de palavras-chave.....	56
Quadro 4 -	Publicação descartada da nuvem de palavras-chave.....	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Classificação Qualis-Periódicos.....	53
-------------------	--------------------------------------	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	PROBLEMA.....	11
1.2	OBJETIVO GERAL.....	11
1.3	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
1.4	JUSTIFICATIVA.....	12
1.5	ESTRUTURA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.....	14
2	INTELIGÊNCIA COMPETITIVA.....	15
3	PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO (A).....	27
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	42
4.1	CAMPO DA PESQUISA.....	42
4.2	POPULAÇÃO/AMOSTRA.....	43
4.3	TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	43
5	O (A) BIBLIOTECÁRIO (A) NA INTELIGÊNCIA COMPETITIVA....	45
	O (A) BIBLIOTECÁRIO (A) NA INTELIGÊNCIA COMPETITIVA:	
5.1	ANÁLISE DOS DADOS	45
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
	REFERÊNCIAS.....	60
	APÊNDICE A – ARTIGOS QUE COMPÕEM A AMOSTRA.....	65

1 INTRODUÇÃO

A gestão do conhecimento é uma prática que perpassa diversas épocas da história da humanidade, ainda que aplicada de formas diferentes em cada tempo. Exemplo disso é que já no tempo das cavernas os seres humanos tratavam de identificar e transmitir para os seus descendentes as informações sobre as questões demandadas pelo contexto da época, tais como locais para abrigo, defesa e/ou alimento (CAVALCANTI; GOMES; PEREIRA, 2001).

Nos estudos históricos tem-se que os diferentes séculos atribuíram diversos significados e funções ao conhecimento. Na antiguidade clássica, por exemplo, o conhecimento representava um meio de crescimento pessoal e alcance da satisfação pela sabedoria individual (DRUCKER, 1997 apud CAVALCANTI; GOMES; PEREIRA, 2001). A partir da Revolução Industrial, em meados do século XVIII, o conhecimento deixa de atender à satisfação pessoal e passa a ter suas representações voltadas para as práticas na sociedade.

Na atualidade, bastante motivada pelas tecnologias de informação e comunicação, as diferentes formas e modos possíveis de interação e troca informacional conferem à sociedade da informação características relacionadas aos aspectos dinâmicos e complexos observáveis nos indivíduos e na sociedade. A informação assume a centralidade na medida em que estar informado é deter um valor estratégico. É neste sentido que os autores Cavalcanti, Gomes e Pereira (2001) afirmam que, se nas sociedades anteriores as medidas de riquezas eram determinadas por domínios de capital, terra e trabalho, atualmente a riqueza mundial é produto do conhecimento apreendido pelas organizações e dos bens e produtos denominados intangíveis, desenvolvidos pelo capital intelectual presente nelas. McInerney (2006) afirma que, quando transferido dos empregados mais antigos para os recém-admitidos, o conhecimento obtido na aprendizagem, nas experiências de trabalho e nos acertos e erros pode trazer reflexos muito positivos para as organizações.

Desta forma, vislumbra-se que a gestão do conhecimento passou a ser uma necessidade para que as organizações sobrevivam num mercado altamente competitivo e, precisamente nessas circunstâncias, as ferramentas da Inteligência competitiva passam a ser cada vez mais influentes no gerenciamento organizacional eficiente (CAVALCANTI; GOMES; PEREIRA, 2001). Gomes e Braga (2004), ao abordarem a relação entre os temas Gestão do conhecimento e Inteligência competitiva, sintetizam que esta pode ser entendida como uma metodologia pertencente àquela. Esta forte ligação entre as duas matérias fica também evidente a partir da definição de Machado Neto (1998 apud VALENTIM, 2002, p. 5) que entende a gestão da informação e do conhecimento como as estratégias aplicadas na

criação, obtenção e compartilhamento do que o autor denomina “ativos de conhecimento”, garantindo a “[...] geração de ideias, solução de problemas e tomada de decisão.”, por meio da entrega da informação necessária em tempo hábil e no formato adequado.

Embora sejam muitas as definições para o tema, a Inteligência competitiva pode ser entendida, em linhas gerais, como um processo sistemático de busca, reunião, análise, estruturação e difusão das informações relacionadas tanto com a ambiência interna quanto externa que devem ser transmitidas em tempo hábil aos tomadores de decisão (GIBBONS; PRESCOTT, 1996 apud LUCAS; CAFÉ; VIEIRA, 2016). Os autores Cavalcanti, Gomes e Pereira (2001, p. 50), por sua vez, entendem que “gerar conhecimentos, inovar e empreender são as condições necessárias para o sucesso de uma empresa”, sendo este tripé a base do processo de Inteligência, com o objetivo de auxiliar na proteção da organização dentro do mercado onde ela se insere, monitorando o ambiente competitivo e reduzindo riscos, além também de prever cenários que justifiquem empreendimentos futuros.

Pode-se indicar que a Inteligência competitiva dialoga de maneira estreita com diversos princípios do campo de estudos da Informação para, entre outras coisas, aprimorar o processo de tomada de decisão nas organizações e assegurar a manutenção de vantagem competitiva. Os autores Queyras e Quoniam (2006) ao abordarem a questão afirmam que na era da informação o desafio está mais relacionado ao fluxo das informações, que são destinadas aos tomadores de decisão, do que simplesmente à questão do armazenamento das mesmas. É neste sentido que a participação do profissional gestor da informação, em especial o bibliotecário, assume vital importância dentro das equipes de inteligência competitiva, uma vez que os processos de interpretação, análise e disseminação da informação impactam diretamente na agregação de valor estratégico à informação.

1.1 PROBLEMA

O presente trabalho se propõe a responder o seguinte problema: como se dá a produção do conhecimento sobre Inteligência Competitiva pelo profissional bibliotecário (a) no campo de estudos da Informação?

1.2 OBJETIVO GERAL

Apresentar revisão de literatura do bibliotecário, no campo de estudos da Informação, sobre Inteligência Competitiva.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para o desenvolvimento deste trabalho são apresentados os seguintes objetivos específicos:

- a) apresentar o (a) profissional bibliotecário (a) na legislação e na literatura em nível nacional e internacional;
- b) elaborar um levantamento bibliográfico sobre Inteligência competitiva em fontes de informação do campo de estudos da Informação;
- c) analisar o conteúdo das publicações selecionadas, caracterizando a produção científica da área de Inteligência competitiva que é desenvolvida por profissionais bibliotecários (as).

1.4 JUSTIFICATIVA

O desenvolvimento deste trabalho, sob a perspectiva pessoal, destaca-se por se tratar de um tema que motivou a escolha pela formação em Biblioteconomia, especialmente no âmbito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na medida em que é reconhecida a variedade de possibilidades de atuação deste profissional, mas em especial pelo estudo da informação com características estratégicas e pelo monitoramento de ambientes informacionais que fazem parte do trabalho do profissional de Inteligência.

Outro fator motivador para este estudo é que o mercado de trabalho atual exige que o bibliotecário seja polivalente, desenvolvendo diversas habilidades e dominando as inovações tecnológicas úteis à área. Para Arruda, Marteleto e Souza (2000, p. 19) os (as) bibliotecários (as) “[...] estão sendo instados a reafirmar sua importância e seu valor para o mundo do trabalho [...]”, dentro do panorama de transição para uma nova metodologia aplicada à qualificação do profissional.” É, neste sentido, que conduzir a elaboração de um trabalho de conclusão de curso que equaciona a participação do (a) bibliotecário (a) no ciclo de Inteligência competitiva pode possibilitar o conhecimento das expectativas que o mercado, especialmente o segmento de Inteligência, tem sobre o profissional que conclui o bacharelado em Biblioteconomia, quais atribuições devem ser adquiridas na graduação e especialização e qual percurso vem sendo traçado na academia sobre a temática.

A Inteligência competitiva tem ainda um forte apelo interdisciplinar e, segundo Teixeira e Souza (2017), é frequentemente vinculada aos campos da Administração, Ciência da informação, Ciência da computação e Economia. Estas áreas, em especial a Administração, são consideradas por Tomaél e Alvarenga (2000) como essenciais nos currículos de formação dos (as) profissionais bibliotecários (as), sendo indispensável que esses (as) profissionais estejam aptos a implementar serviços coerentes com as necessidades da comunidade para a qual trabalha. Neste sentido, é possível observar que o Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG) da Universidade Federal do Rio de Janeiro está alinhado às demandas atuais dos (as) profissionais da informação e que, além disso, o desenvolvimento deste trabalho dialoga e contribui para a proposta metodológica do curso na medida em que este oferece uma disciplina eletiva com carga horária de trinta horas aos discentes no oitavo período da graduação sobre a temática da Inteligência competitiva.

Ao analisar a literatura da temática relacionada à Inteligência competitiva é possível notar uma constante correlação entre os pressupostos estabelecidos e estudados pelo campo de estudos da Informação e todo o ciclo gerador de inteligência, bem como suas etapas e ferramentas são baseadas em conceitos de identificação, recuperação e disseminação da informação que estão presentes na formação dos profissionais da informação. Também a produção científica na área de Inteligência competitiva tem uma participação significativa desses profissionais. Em uma rápida busca realizada na Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), ao final do ano 2017, a partir das expressões de busca “Inteligência competitiva” e “Inteligência competitiva organizacional” (fazendo uso de aspas em ambas pesquisas) e com recorte temporal no período compreendido entre 2010 e 2017, foi possível verificar a ocorrência de 47 artigos publicados que traziam o termo “Inteligência competitiva” em qualquer dos seus campos e 3 artigos publicados onde foi identificado o termo “Inteligência competitiva organizacional”, também em qualquer um dos seus campos. Este resultado aponta para uma média de 7 publicações anuais relacionadas ao tema, demonstrando que, até o momento da realização desta busca, a Inteligência se constitui como um assunto recorrente no campo da Informação.

Outro fator que orienta a escolha é que a análise da participação dos (as) profissionais bibliotecários (as) no desenvolvimento da literatura científica sobre Inteligência competitiva apresenta-se como uma oportunidade para o desenvolvimento da Biblioteconomia, bem como para os (as) profissionais da área uma vez que, além de verificar o nível de participação dos (as) profissionais nesta área de estudos, também possibilita analisar e divulgar as possíveis contribuições que o (a) bibliotecário (a) pode trazer para o processo de inteligência, tornando-

o mais atraente para este segmento do mercado de trabalho. Por conseguinte, o estudo também pode favorecer a área de Inteligência competitiva uma vez que, de acordo com análise de Pizarro e Davok (2008), ainda existe uma considerável quantidade de empresas que não veem a informação empresarial como um fator estratégico para que a tomada de decisão logre sucesso. Desta forma, o presente estudo pode colaborar para o esclarecimento desta questão, viabilizando, por conseguinte, o desenvolvimento da área.

À vista de todo o exposto, o presente trabalho se propõe a mapear a atuação dos profissionais bibliotecários no desenvolvimento científico da área de Inteligência competitiva, por entender que é importante acompanhar os rumos que vêm sendo traçados pelos (as) bibliotecários (as), acadêmica e/ou profissionalmente, e as contribuições que podem ser observadas nas áreas onde se aplicam os pressupostos desenvolvidos pela Ciência da informação, como no caso da Inteligência.

1.5 ESTRUTURAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O presente trabalho está estruturado em seis seções primárias, a começar por esta, que é a Introdução, composta por cinco seções secundárias. Imediatamente a seguir, temos a seção onde se discorre sobre a Inteligência competitiva, embasando a discussão a partir do aparato teórico desenvolvido por autores como Valentim, Pizzol, Todesco, Gomes, Braga, Tarapanoff e outros. Na terceira seção, imediatamente posterior, apresenta-se o histórico da formação e atuação profissional do bibliotecário, bem como a legislação atual a ele relacionada, sendo expostos também os pressupostos teóricos sobre o perfil do profissional a partir da literatura de Cunha e Crivellari, Loureiro e Jannuzzi, Mueller, entre outros. A quarta seção expõe, ao longo de suas três seções secundárias, os procedimentos metodológicos que possibilitaram a realização desta pesquisa, especificando a abordagem aplicada, a delimitação do campo de pesquisa, população, amostra, e como se deu a coleta e análise dos dados levantados. Na quinta seção, penúltima do trabalho e que comporta uma seção secundária, são estruturados os dados coletados apresentando uma análise da literatura, evidenciando a resposta ao problema proposto na Introdução. Por fim, são indicadas as considerações finais a cerca do estudo elaborado, as impressões apreendidas sobre o panorama atual da pesquisa sobre Inteligência competitiva por bibliotecários (as) e quais as perspectivas em relação à área. Como elementos pós-textuais temos as referências e um apêndice, que apresenta na íntegra os dados que compõem a amostra da pesquisa.

2 INTELIGÊNCIA COMPETITIVA

Apesar de sua consolidação como matéria do conhecimento científico ter se dado já em meados do século XX, a Inteligência competitiva assenta suas bases de surgimento por volta do ano 2000 a.C., ainda no Império Chinês, passando pelo governo do Imperador Justiniano, em 550 d.C., e se perpetuando até chegar à II Guerra Mundial, em 1940, quando o uso das tecnologias passou a fazer parte dos processos de Inteligência militar (PIZZOL; TODESCO; TODESCO, 2016). Apenas em 1989, com o fim da Guerra Fria, este cenário apresenta mudanças e os profissionais de Inteligência, antes dedicados ao trabalho militar e com vasta experiência em trabalhos de espionagem, se viram sem espaço de atuação e migraram para os setores da indústria e comércio, direcionando a aplicação dos conhecimentos e técnicas desenvolvidas durante esse período para auxiliar as empresas na obtenção de diferencial competitivo (GOMES; BRAGA, 2006).

A primeira década do século XXI, por sua vez, foi uma das mais marcantes no que se refere ao alto índice de produção científica na área (PIZZOL; TODESCO; TODESCO, 2016). Durante este período, observa Tarapanoff (2006), são duas as correntes tradicionais no desenvolvimento da literatura sobre Inteligência competitiva – nomeada por alguns autores como “Inteligência competitiva organizacional”, mas neste trabalho fica condicionado uso da terminologia “Inteligência competitiva” –, sendo elas a tradição americana e a tradição francesa. Para a autora, a corrente americana pode ser orientada pela definição proposta pela *Society of Competitive Intelligence Professionals* (SCIP), que compreende a Inteligência como um

[...] programa sistemático e ético de reunir, analisar e gerenciar **informação externa**, que pode afetar os planos, decisões e operações de uma organização. Colocada de outra forma, é o processo que permite o aumento da competitividade da organização no mercado, por meio de um entendimento maior, mas inequivocamente ético, dos seus **competidores e do seu ambiente competitivo** (TARAPANOFF, 2006, p. 27, grifo nosso).

A segunda corrente da literatura sobre o tema exposta por Tarapanoff (2006) é a desenvolvida pela tradição francesa, que atribui à Inteligência competitiva características mais holísticas, ampliando o alcance do tema e indo além do monitoramento estrito aos competidores, voltando-se também para o acompanhamento do desenvolvimento científico e tecnológico da área, para questões sociais e políticas, relacionamento com os stakeholders, monitoramento de oportunidades de elevação da vantagem competitiva dentro do segmento de

mercado ao qual a organização se destina, identificando potenciais clientes e possíveis ameaças.

Nos últimos anos as mudanças nos ambientes de negócios motivadas pelos avanços tecnológicos, globalização e rapidez na produção e circulação da informação agregaram a esta um valor estratégico mais evidente, tornando o monitoramento do ambiente competitivo necessário para a garantia de posicionamento no mercado e até mesmo sobrevivência nele (TEIXEIRA; SOUZA, 2017). Esta crescente competitividade nos mercados exigiu que as organizações alinhassem ao estudo dos seus clientes também o monitoramento dos seus concorrentes, buscando formas alternativas que permitissem a obtenção contínua de informações sobre estes. Para Gomes e Braga (2004), as tendências mais recentes apontam para o estabelecimento de perenais avaliações do ambiente competitivo e tudo que se relaciona a ele, além da adoção de posturas mais estratégicas por parte das organizações permitindo a estas a conservação, de maneira duradoura, do posicionamento desejado no mercado por meio do aproveitamento de oportunidades e o contorno de possíveis ameaças. Deste modo, o exercício de acompanhamento dos fluxos informacionais presentes nos ambientes de negócios não é uma exclusividade dos últimos tempos, mas, ao contrário, pode ser observado em diferentes épocas da história, como afirmam Gomes e Braga (2004), o que se pode notar como uma prática mais recente é o esforço despendido pelas organizações em sistematizar e formalizar esse monitoramento, que as autoras chamam de Inteligência competitiva (IC). Para os autores Queyras e Quoniam (2006, p. 74), a Inteligência possibilita aperfeiçoar a “[...] coleta, a análise e a armazenagem da informação para produzir informações de alto valor agregado”, propondo soluções que possibilitem a garantia de competitividade pelas organizações.

Teixeira e Souza (2017) apontam, por sua vez, para a importância do uso da internet na solidificação da Inteligência competitiva, em especial a Web 2.0, que proporcionou a criação de sites de empresas, blogs e redes sociais onde é possível monitorar diretamente os impactos positivos e negativos dos concorrentes e da própria organização, sendo necessário um processo estratégico capaz de agregar valor a estas informações. Neste mesmo sentido, as autoras Teixeira e Valentim (2016, p. 3) reconhecem a Inteligência competitiva como um “[...] processo estratégico que permite converter dados e informações sobre capacidades, vulnerabilidades e intenções dos concorrentes em diferenciais competitivos [...]”, podendo ser empregada em qualquer setor da organização.

Gomes e Braga (2004) afirmam que para garantir vantagem competitiva diante dos concorrentes é necessário observar criticamente o panorama socioeconômico da organização,

se antecipando às mudanças por meio de ferramentas como a inteligência competitiva que, se constituindo como um meio para previsão de tendências, pode ajudar a organização a se mover mais rápido que a concorrência e assegurar a sua sobrevivência no mercado. As autoras acrescentam ainda que a Inteligência é “[...] o resultado da análise de dados e informações coletadas do ambiente competitivo da organização que irão embasar a tomada de decisão”, oferecendo não somente relatórios que justifiquem ações passadas, mas, principalmente, elaborando recomendações prospectivas acerca de eventos que possam impactar o seu posicionamento competitivo (GOMES; BRAGA, 2004, p. 28). Desta forma, tem-se que as atividades de Inteligência auxiliam na previsão de possíveis cenários para a organização por meio da identificação de tendências, mercados e/ou novos concorrentes (GOMES; BRAGA, 2004). Corrobora Lodi ao afirmar que Inteligência competitiva deve

[...] dar suporte à construção e à revisão contínua dos cenários priorizados pelo planejamento, por meio da identificação e análise dos sinais que prenunciam eventos que tragam implicações estratégicas para o posicionamento competitivo da empresa (LODI, 2006 apud PEREIRA; CARVALHO; JORDÃO, 2016, p. 142).

A análise e a prospecção dos dados tornam possível o tratamento das informações filtradas e consideradas relevantes, agregando valor e disponibilizando-as para a tomada de decisão (TEIXEIRA; VALENTIM, 2016). O valor agregado às informações transformadas em insumo e enviadas para os tomadores de decisão pode ser notado por meio do estabelecimento de uma dinâmica de “[...] rapidez, tempo, resultado e impacto no mercado, bem como se antecipando às ameaças e aproveitando as oportunidades de maneira eficiente.” (TEIXEIRA; VALENTIM, 2016, p. 7). Por isso os autores Queyras e Quoniam (2006) asseveram que a Inteligência competitiva pretende oferecer a informação certa, no formato ideal, sendo entregue na hora mais oportuna, à pessoa certa, possibilitando que ela tome a melhor decisão para a organização.

Para Myburgh (2004 apud TEIXEIRA; SOUZA, 2017, p. 172) a Inteligência competitiva pode ser entendida simultaneamente como um produto e um processo, uma vez que

É um produto, pois trata de informação acionável como base para ações específicas. É um processo enquanto atividade sistemática de aquisição, análise e avaliação de informações para obtenção de vantagem competitiva.

É possível observar o enfoque dado pela literatura da área à questão da ética nos processos de Inteligência competitiva, reforçando a importância dos profissionais de Inteligência prestarem a devida atenção à manutenção da boa imagem da organização, que pode ser prejudicada caso falhas éticas sejam identificadas durante o processo de Inteligência (TEIXEIRA; VALENTIM, 2016). É neste sentido que Gomes e Braga (2004, p. 30) entendem que para estar preparados a responder a eventuais críticas é essencial o estabelecimento de padrões éticos de comportamento, concluindo também que a conduta exercida pelos colaboradores de uma organização é “[...] um ativo importante que deve ser considerado como um aspecto de peso ao se avaliar a credibilidade dessa organização no mercado.”

Teixeira e Valentim (2016) reconhecem ainda que o processo de Inteligência competitiva é conduzido pela criatividade aplicada à recuperação e ao tratamento da informação, mas que deve também ser considerado como fator determinante o conhecimento gerado e assimilado pelos sujeitos organizacionais, bem como suas competências internas de transformar informação em conhecimento, sendo esse, por sua vez, desenvolvido a partir da atribuição de significado às informações que são geradas no ambiente interno em consequência do relacionamento com outras figuras e fatores ligados à organização. Este envolvimento, segundo Wanderley (2004 apud TEIXEIRA; SOUZA, 2017), deriva em grande medida da utilização de redes de inteligência, estabelecendo comunicação com as áreas as quais a informação está destinada como a área de marketing, planejamento estratégico e gestão (TEIXEIRA; VALENTIM, 2016). É importante que haja sinergia entre os setores de Inteligência e os demais componentes da organização.

Esta perspectiva é reforçada por Tarapanoff (2001 apud SANTOS; SANTOS; BELLUZZO, 2016) ao afirmar que, além das informações que possam ser coletadas pelo profissional de Inteligência, é necessário estar atento também às competências, capacidades e habilidades que a organização e os profissionais que nela atuam precisam ter, buscando conjuntamente desenvolver estratégias e ações frente aos competidores que possibilitem o monitoramento ininterrupto do mercado. Para tanto, Shaw (1997 apud MCINERNEY, 2006, p. 64) entende que é necessário o estabelecimento de um clima de confiança, que pode ser observado nas organizações quando essas apresentam um inter-relacionamento entre os seguintes elementos:

[...] meios criativos para obter e apresentar a informação; oportunidades para o desenvolvimento contínuo do conhecimento; ambiente que tolera e encoraja aceitação de riscos, dentro dos limites impostos pelos valores da organização.

Resende (2006, p. 271, grifo nosso) apresenta ainda outra definição que corrobora com o apelo holístico desse modelo de Inteligência competitiva, e entende que

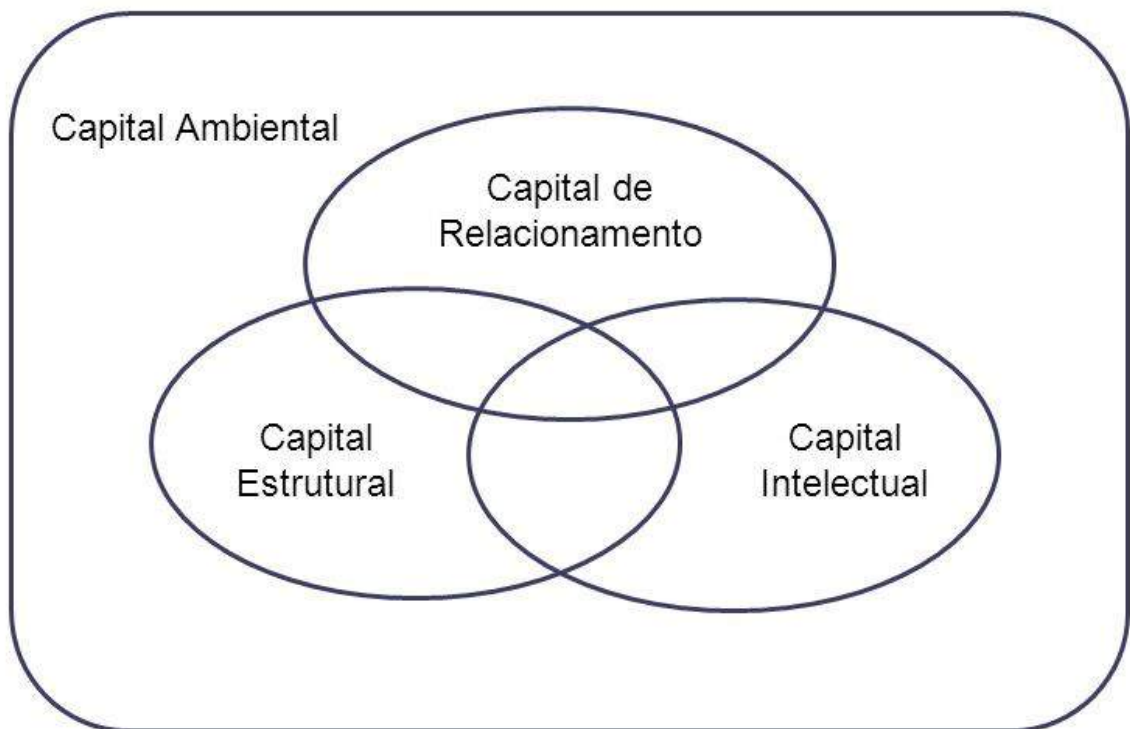
A utilização de conceitos, ferramentas, metodologias e respectivas práticas podem estabelecer relações de causalidade na dinâmica da economia e do desempenho das organizações, **pois o meio ambiente externo se apresenta cada vez mais complexo e desafiador, com interações de distintas naturezas em que se destacam as concorrências, os consumidores, os fornecedores e outros fatores macroambientais com mudanças demográficas, socioculturais, políticas, econômicas e tecnológicas.** [...] Essa vigilância do meio ambiente **interno e externo** deve ser permanente e muito atenta para ser capaz de captar e fornecer indícios que permitam decisões antecipadas e ações proativas.

Entender que a organização é parte de um ambiente de negócios, afetando e sendo afetada por ele, é fundamental para que o setor de Inteligência logre sucesso. É necessário conhecer este ambiente de negócios para garantir que os processos estratégicos adotados sejam compatíveis com as forças externas que afetam a organização, como destacam Gomes e Braga (2004, p. 19) ao dizerem que esta interação entre a organização e as forças do ambiente externo representa

[...] um movimento contínuo entre atores que influenciam o negócio (clientes, concorrentes, fornecedores, governo etc.) e a variáveis, denominadas vigilâncias, que afetam o negócio da organização (sociais, econômicas, legais, políticas etc.).

É neste sentido que Sveiby (1997 apud CAVALCANTI; GOMES; PEREIRA, 2001) estabelece um modelo para gestão que considera três componentes principais, sendo o primeiro deles a estrutura interna da organização, incluindo patentes, conceitos e modelos administrativos, o segundo componente é a estrutura externa, que engloba toda a cultura da organização e, por fim, o terceiro componente é a competência, entendida como as habilidades individuais, educação formal e experiências dos sujeitos organizacionais. Também dentro deste prisma foi cunhado por Cavalcanti, Gomes e Pereira (2001) outro conceito que tem grande valor para a compreensão da aplicabilidade da Inteligência competitiva. Este conceito apresenta os quatro capitais do conhecimento, sendo esses o capital ambiental, capital estrutural, capital intelectual e o capital de relacionamento, expostos na Figura 1.

Figura 1 – Capitais do Conhecimento



Fonte: Cavalcanti, Gomes e Pereira (2001, p. 57).

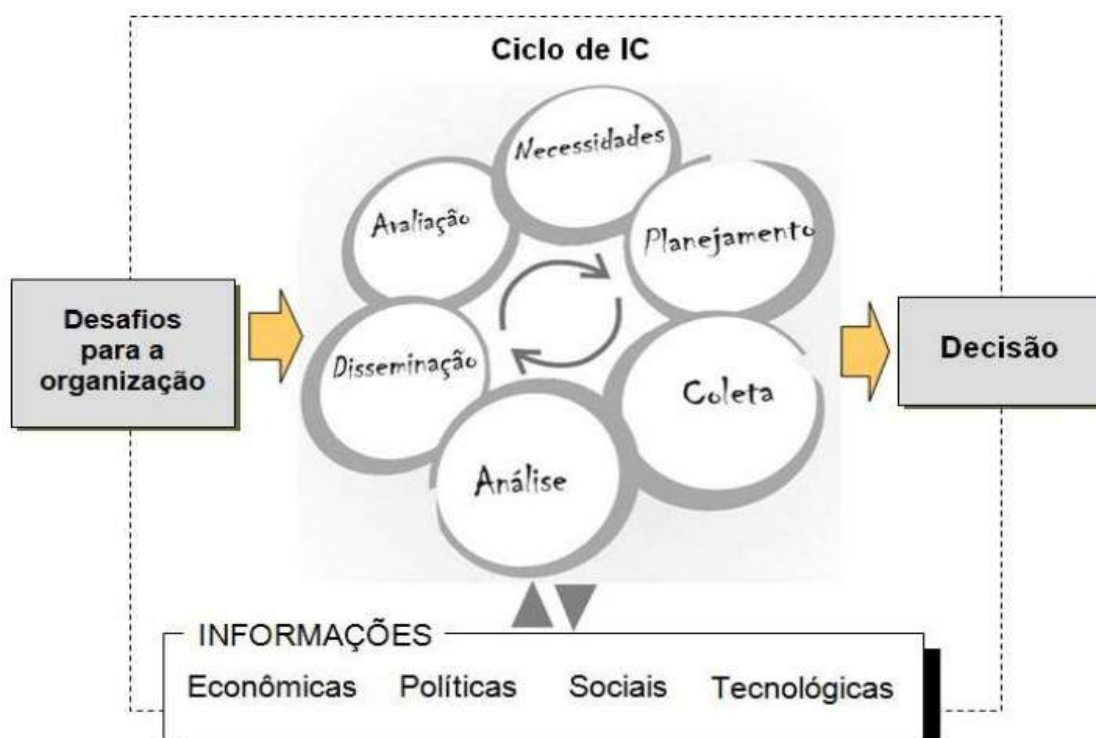
O capital ambiental se refere ao complexo de agentes que descrevem o ambiente onde se insere a organização, como as características socioeconômicas da região, os aspectos legais, valores éticos e culturais presentes nela, os aspectos governamentais e financeiros que possam impactar o planejamento estratégico da organização (CAVALCANTI; GOMES; PEREIRA, 2001). O segundo capital é o estrutural, composto pelo conjunto de sistemas administrativos, modelos, rotinas, patentes, softwares e toda a infraestrutura que possibilita que a organização funcione, sendo o único dos quatro capitais que efetivamente é possuído de maneira quantificável pela organização (CAVALCANTI; GOMES; PEREIRA, 2001). Como aponta Edvinsson (1998 apud CAVALCANTI; GOMES; PEREIRA, 2001, p. 63), o capital estrutural é “[...] tudo aquilo que fica na organização quando as pessoas vão embora para casa.” Os dois últimos capitais são o capital intelectual e o capital de relacionamento, onde aquele se constitui tanto pelas capacidades, as habilidades e experiências dos indivíduos que compõem a organização quanto pelo conhecimento formal deles, são suas competências essenciais e, por fim, o capital de relacionamento está atrelado às redes de Inteligência e de compartilhamento e com as alianças estratégicas que possam ampliar o mercado da

organização (CAVALCANTI; GOMES; PEREIRA, 2001). Os quatro capitais do conhecimento detalhados acima são aspectos a serem observados durante o chamado “ciclo de Inteligência”, denominado assim por Queyras e Quoniam (2006, p. 89), e que pretende ser o processo gerador de inteligência dentro da organização.

Miller (2002 apud LANA, 2011) reporta que são quatro fases que compõem esse ciclo de produção de Inteligência. A primeira trata da identificação dos tomadores de decisão e suas principais necessidades informacionais, a segunda fase corresponde à coleta destas informações, seguida da terceira que se relaciona com a análise e transformação destas informações em inteligência, finalizando com a quarta fase que consiste na disseminação da Inteligência produzida. Também Myburgh (2004, apud TEIXEIRA; SOUZA, 2017, p. 172) alude que, entre as possíveis definições apresentadas para o ciclo da Inteligência competitiva, todas abarcam as etapas de “[...] seleção, coleta, processamento, interpretação, análise e distribuição de informações sobre a concorrência e o ambiente externo do negócio.” Cabe sublinhar a importância de sistematizar estas diferentes atividades que compõem o ciclo de Inteligência e os esforços exigidos na realização de uma “[...] seleção criteriosa de informação, verificação da confiabilidade, análise, integração e interpretação dos resultados.”, como evidenciado por Bensoussan e Fleisher (2003 apud PIZZOL; TODESCO; TODESCO, 2016, p. 90).

Amaral e outros autores (2008), todavia, balizam que são seis as fases geradoras de Inteligência dentro de uma organização, como exposto na figura a seguir:

Figura 2 – Ciclo da Inteligência



Fonte: Amaral, Garcia e Alliprandini (2008, p. 144).

Para os autores, o primeiro passo necessário para dar início ao ciclo de Inteligência consiste, invariavelmente, em determinar as demandas informacionais dos setores estratégicos da organização, observando aspectos de caráter econômico, político, social e tecnológico, de modo que, a partir disso, seja possível realizar a segunda fase, que trata do planejamento detalhado das atividades que serão desenvolvidas durante todo o processo até sua conclusão, sendo seguida pela terceira fase que visa coletar as informações que foram definidas como importantes ainda na primeira fase (AMARAL et al., 2008). As duas últimas etapas tratam da entrega das informações coletadas e transformadas em Inteligência e, por fim, o ciclo se encerra com a avaliação de todo o processo, visando identificar as falhas e a relevância dos impactos causados na tomada de decisão (AMARAL et al., 2008).

Indica-se também a apresentação trazida por Lana (2011), onde se enumeram as cinco fases que, em conjunto, são responsáveis pela geração de Inteligência, sendo elas: missão e objetivo, visa estabelecer a finalidade para a qual o sistema de inteligência foi concebido; planejamento e coleta, demanda inventariar e ordenar as necessidades específicas da organização; coleta de informação, recuperação de informações interessantes aos setores estratégicos; processamento e análise das informações, pode ser sintetizada nas atividades de

interpretação, análise e filtragem dos dados recuperados; disseminação e uso, essa última fase consiste no

[...] processo por meio do qual o produto do esforço de uma organização em adquirir, processar e interpretar informação externa é disseminado por toda a organização. E o uso da inteligência tem sido retratado por pesquisadores e profissionais como útil para o planejamento estratégico e a tomada de decisões, como, também, para a legitimação, a inspiração e a sensibilização (LANA, 2011, p. 316).

Considerando as definições propostas por diversos teóricos da área é possível conceber, em sintonia com Gomes e Braga (2004, p. 28), que a inteligência competitiva pode ser entendida como “[...] um processo ético de identificação, coleta, tratamento, análise e disseminação da informação estratégica para a organização [...]”, com o objetivo de aplicar seus resultados como auxílio ao processo decisório. As autoras (GOMES; BRAGA, 2004) sistematizam esta definição em cinco principais etapas de produção de Inteligência competitiva, sendo elas:

a) identificação de necessidades de informação: etapa que funciona como catalisadora das seguintes e consiste na delimitação das necessidades e requisitos de informação, além das questões e atores que são estratégicos para o processo de tomada de decisão como clientes, fornecedores, novos entrantes etc;

b) coleta das informações: esta segunda etapa se refere à escolha e classificação da relevância das fontes de informação que serão utilizadas para responder às questões estabelecidas na primeira etapa, sendo importante observar fontes convencionais e não convencionais classificando-as como de origem (interna ou externa), conteúdo (fontes primárias ou secundárias), estrutura (fontes formais/textuais e fontes informais), confiabilidade (alto risco, confiança subjetiva, altamente confiável e vigilância);

c) análise das informações: consiste em sintetizar de uma maneira significativa, completa e confiável as informações coletadas, relacionando os dados recuperados e apresentando soluções para as questões estratégicas;

a) disseminação: corresponde à entrega, de forma coerente e convincente, da informação já transformada em Inteligência sendo, por isso, chamada de produto do sistema de Inteligência competitiva;

b) avaliação: a etapa que conclui um ciclo de produção de Inteligência competitiva é a avaliação do sistema, onde esse deve ser observado a partir de duas

perspectivas para verificação da eficácia do método utilizado, de modo que a primeira perspectiva se refere ao desempenho apresentado por cada fase especificamente, ou seja,

[...] se o melhor método de análise foi escolhido, se a escolha das fontes de informação poderia ter sido mais bem direcionada, se o formato do produto foi o mais adequado etc.; e o outro aspecto é a avaliação junto aos usuários do sistema dos resultados práticos obtidos com o uso dos produtos gerados pelo sistema (GOMES; BRAGA, 2004, p. 79).

Este último ponto da avaliação é importante porque o todo esse processo gerador só se conclui quando a Inteligência – isto é, o produto desse processo – é aplicada na tomada de decisão (GOMES; BRAGA, 2004). A avaliação de todo o processo realizado é essencial tanto para o aperfeiçoamento como para a sustentação do sistema de Inteligência de maneira solúvel e proveitosa.

As autoras Teixeira e Souza (2017), por sua vez, corroboram que a Inteligência competitiva é um tema de natureza interdisciplinar, aplicado principalmente aos campos da Administração, Ciência da informação, Ciência da computação e Economia, porém, um tanto quanto recente e em fase de construção. Amaral e outros autores (2016), por sua vez, apresentam uma gama maior de áreas que contribuem para o desenvolvimento da literatura científica sobre a temática, apontando ainda o perfil do pesquisador de Inteligência competitiva no Brasil, exposto na figura a seguir:

Figura 3 – Perfil do pesquisador de Inteligência competitiva



Fonte: Amaral, Brito, Rocha, Quoniam, Faria (2016, p.106).

Os autores da pesquisa afirmam, a partir dos dados expostos, que a Ciência da informação fornece uma significativa contribuição para o crescimento da produção científica da área de Inteligência competitiva no Brasil, defendendo também que esta é “[...] legítima como objeto de pesquisa da Ciência da informação, com características interdisciplinares [...]” (AMARAL et al., 2016, p. 109), asseverando o que foi afirmado pelos autores Teixeira e Souza no parágrafo anterior. A pesquisa aponta também que entre os pesquisadores das áreas apresentadas na figura, é possível notar uma acentuada concentração nas regiões Sudeste, Sul e no Distrito Federal do país, alcançando 82% dos 1.434 pesquisadores que compunham a amostra (AMARAL et al., 2016).

Os profissionais que atuam na área, por sua vez, têm como características centrais a multidisciplinaridade e a flexibilidade, desenvolvendo a criatividade, curiosidade investigativa e capacidade de inovação (CAVALCANTI; GOMES; PEREIRA, 2001). A

definição proposta por Fuld (2002 apud TEIXEIRA; VALENTIM, 2016, p. 5) sintetiza tudo que até então foi apresentado sobre o tema, afirmando que

É o valor, e não o volume, a força motriz da inteligência. A inteligência competitiva (IC) é a informação tão bem analisada que já pode servir de base para decisões fundamentais. Levar a informação a tal estágio é o que constitui o valor.

Corroboram ainda Gomes e Braga (2004, p. 31) ao afirmarem que “A capacidade analítica é o ativo mais relevante nesse processo”. Desta forma, torna-se evidente que possuir grande quantidade de informação passa a ser prescindível, sendo mais relevante o processo de conversão desta informação em Inteligência, de modo a auxiliar o trabalho dos níveis estratégicos e táticos dentro da organização no processo de tomada de decisão.

A Inteligência competitiva é, portanto, um meio de identificar, maximizar e aplicar as capacidades que a organização possui em proveito da mesma tornando-as um diferencial competitivo em relação aos concorrentes. Para realização desta atividade são exigidos profissionais de diversas áreas do conhecimento, formando equipes com perfis variados de formação acadêmica, sendo um deles o profissional bibliotecário.

3 PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO (A)

A iniciativa de compreender a atuação de um determinado segmento profissional exige, de maneira concomitante, o imperativo de entender o contexto onde a profissão se desenvolveu e a sociedade a qual ela pretende servir. Antes, porém, desta análise acerca do (a) profissional bibliotecário (a), indicam-se alguns conceitos relacionados ao termo profissão.

De acordo com Targino (2000), o vocábulo profissão é oriundo do latim, *professione*, e alude ao ato ou efeito de professar algo. Portanto, profissional é todo aquele que realiza uma confissão pública a respeito de uma crença, opinião ou modo de fazer e conduzir uma determinada atividade ou ocupação especializada, assim recebendo da sociedade, em contrapartida, a credibilidade devida pela posse do conhecimento e capacidades necessárias para a realização do ofício (CUNHA; CRIVELLARI, 2004). É neste sentido que Cunha e Crivellari (2004) apontam a exigência de que a estrutura cognitiva das profissões seja legitimada pela sociedade onde o profissional atua, de maneira que se estabeleça entre a comunidade e o profissional um contrato implícito, sendo esse contrato responsável por conceder o “[...] direito exclusivo de exercício profissional em troca da segurança, da qualidade e da eficácia dos serviços oferecidos.” (CUNHA; CRIVELLARI, 2004, p. 40).

Uma profissão não se limita a uma mera ocupação, pois ela é “[...] uma especialização do trabalho, que evolui a partir de uma certificação dada por uma educação formalizada.” (FREIDSON, 1998 apud PEREIRA; CUNHA, 2007, p. 48), ao passo que as ocupações se diferenciam pelo fato de, além de não exigirem certificação, também não terem compromisso com o desenvolvimento científico da área.

O profissional da informação, em especial o (a) bibliotecário (a), recebeu, ao longo da história, diversas definições para sua atuação que acompanharam, principalmente, as atribuições dadas às bibliotecas em cada época. McGarry (1999 apud LOUREIRO; JANNUZZI, 2005, p. 125) afirma que “[...] as bibliotecas, em seu sentido mais amplo, existem há quase tanto tempo quanto os próprios registros escritos”, sejam eles de quaisquer naturezas.

Loureiro e Jannuzzi (2005) atestam que o homem, por conta da sua natureza inteligente e social, buscava, já nos chamados tempos das cavernas, transmitir informações relativas às suas necessidades cotidianas por meio de manifestações impressas, por exemplo, nas paredes das cavernas ou em pedras. Com o passar dos tempos as sociedades posteriores passaram a se preocupar não apenas com o registro de informações ordinárias, mas também

de manifestações artísticas, crenças religiosas e resultados obtidos a partir de estudos e pesquisas.

Este novo foco de produção de informações registradas em suportes físicos de informação levou ao surgimento de materiais como livros, jornais, esculturas, documentos de controle, fotografias e etc., resultando também na criação de novas formas de organização da informação nestes diferentes suportes e no estabelecimento de instituições responsáveis pela preservação e ordenação dessas coleções de materiais (LOUREIRO; JANNUZZI, 2005). Segundo Oliveira (1983 apud LOUREIRO; JANNUZZI, 2005, p. 125), neste momento a organização documental passa “[...] de um comportamento individual para uma necessidade da sociedade”. Esse contexto de surgimento das bibliotecas tem forte relação com a própria etimologia da palavra, como remonta Fonseca (1992 apud LOUREIRO; JANNUZZI, 2005, p. 132):

[...] a palavra biblioteca vem do grego *bibliothéke*, em que *biblion* significa livro e *théke* denota “qualquer estrutura ou invólucro protetor como cofre, estojo, caixa, estante e edifício.”

Lankes (2012) defende que uma biblioteca vai além da arquitetura, do acervo ou do edifício, pois para ele é preciso olhar para os profissionais que serviram e ainda servem a humanidade ao longo da história. O autor é incisivo ao apontar que

[...] as bibliotecas não fazem coisa alguma, são prédios, são construções. Mesmo o melhor conceito sobre biblioteca como uma organização ainda assim é um conceito abstrato. O trabalho e o impacto que as bibliotecas podem trazer são resultados de pessoas. São profissionais, voluntários, conselheiros, zeladores. Todo o trabalho e o seu impacto é resultado direto dos *bibliotecários*. (LANKES, 2012)

Trata-se, portanto, de uma proposta que tem como foco a ação biblioteconômica. Desponta, desse modo, a figura do bibliotecário como o agente responsável pela guarda, organização e classificação dos materiais salvaguardados na biblioteca, mas ainda sem grande preocupação com a recuperação e disseminação de todo esse material (LOUREIRO; JANNUZZI, 2005). Esse panorama começa a apresentar modificações somente na segunda metade do século XIX, quando já se podia notar o surgimento de mudanças na orientação das discussões propostas durante a conferência de bibliotecários realizada no ano de 1853, deixando de observar exclusivamente a preservação da informação e dando espaço também para os usuários desta informação (SHERA, 1980 apud LOUREIRO; JANNUZZI, 2005).

Culminam Perrotti e Pieruccini (2007 apud FERREIRA; ARAÚJO, 2016) na apresentação de três paradigmas pelos quais as bibliotecas passaram ao longo desses séculos, sendo eles: a Conservação cultural, quando a principal preocupação era o tratamento técnico do acervo; a Difusão cultural, que visava o acesso e o uso da informação; e, por fim, a Apropriação cultural, onde o usuário assume o papel de destaque e a biblioteca passa a atuar através da mediação cultural. Também afirmam os autores que as bibliotecas, como guardiãs e provedoras da informação, não se mantiveram em estado de letargia, mas foram incorporando atribuições e serviços pertinentes aos contextos sociais dos quais elas faziam parte.

Algumas décadas antes surgiram os primeiros cursos voltados para qualificação dos profissionais da informação. A École des Chartes, atual École Nationale des Chartes, na França, foi a primeira a oferecer um curso dedicado à formação desses profissionais, no ano de 1821, e, no Brasil, as primeiras propostas surgem cerca de cem anos depois, em 1911, com algumas iniciativas sediadas em São Paulo e, principalmente, na Biblioteca Nacional, localizada no Rio de Janeiro (Paiva et al., 2017). Esse foi o terceiro curso de Biblioteconomia a ser criado no mundo, depois do citado curso francês e do curso do Columbia College, nos Estados Unidos, e tinha como finalidade formar profissionais para trabalharem na própria Biblioteca Nacional, contando com apenas três disciplinas: Bibliografia, Paleografia e Diplomática, Iconografia e Numismática (UNIRIO, 2009). Em 1922, esse curso foi extinto, vindo a retornar na década de 1930 com algumas reformulações no conteúdo que aumentaram sua duração e apresentando forte influência do currículo francês da École des Chartes (UNIRIO, 2009).

Em 1940, o curso da Biblioteca Nacional é novamente reformulado, contando agora com disciplinas especializadas e promovendo a formação de profissionais para atuar em qualquer tipo de biblioteca e não apenas na Biblioteca Nacional, sendo ofertadas três modalidades de especialização: Curso Fundamental de Biblioteconomia (formava auxiliares de biblioteca e tinha entre suas disciplinas a Classificação e Catalogação, Referência, História do Livro e da Biblioteca etc.); Curso Superior de Biblioteconomia (visava serviços especializados e oferecia aulas sobre Administração de Bibliotecas, Catalogação e Classificação, História da Literatura, Mapotecas, formação específica para cada tipo de biblioteca, Noções de Paleografia, entre outras); por fim, oferecia ainda Cursos Avulsos, que garantiam educação continuada para os profissionais (UNIRIO, 2009).

A década de 1950 foi bastante proveitosa para a Biblioteconomia:

[...] em 1953, o Primeiro Congresso de Bibliotecas do Distrito Federal, em Brasília e em 1954 o Primeiro Congresso Brasileiro de Biblioteconomia (e Documentação), em Recife - o CBBD 42 . A Portaria nº. 162 do Ministério do trabalho, de 07.10.1958, reconhecia a Biblioteconomia como profissão liberal (UNIRIO, 2009, p. 16).

Já em 1955, foi lançado pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), que mais tarde viria a ser o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), o curso CDC – Curso de Documentação Científica –, primeiro curso de pós-graduação em Biblioteconomia (UNIRIO, 2009).

A necessidade de padronização dos currículos oferecidos nesses cursos de Biblioteconomia é percebida em 1962, quando são estabelecidos os currículos mínimos, que viriam a sofrer algumas alterações apenas vinte anos mais tarde, tendo ambos os currículos enfrentado resistência por parte das escolas de Biblioteconomia por engessar a formação dos profissionais, não observando os interesses específicos de cada região (PAIVA et al., 2017). Também em 1962, no dia 30 de junho, foi publicada a Lei Nº 4.084, que dispõe e regulamenta o exercício da profissão do bibliotecário. Segundo estabelece o Art 1º do documento (BRASIL, 1962), a designação profissional de Bibliotecário é exclusiva aos bacharéis em Biblioteconomia e o Art 2º, letras a e b, delibera que o exercício da profissão só será permitido:

- a) aos Bacharéis em Biblioteconomia, portadores de diplomas expedidos por Escolas de Biblioteconomia de nível superior, oficiais, equiparadas, ou oficialmente reconhecidas;
- b) aos Bacharéis portadores de diplomas de instituições estrangeiras que apresentem os seus diplomas revalidados no Brasil, de acordo com a legislação vigente (BRASIL, 1962, p. 1).

A Lei estabelece ainda que aos profissionais reconhecidos no Art 2º será exigido ainda o registro de seus títulos ou diplomas junto ao órgão regulador do ensino superior no país, no caso o Ministério da Educação e Cultura (BRASIL, 1962). O Art 6º da Lei esclarece que são atribuições exclusivas dos bacharéis em Biblioteconomia a organização, direção e execução de: fiscalização dos estabelecimentos de ensino de Biblioteconomia; o próprio ensino da Biblioteconomia; a administração e direção de bibliotecas; a classificação e catalogação de diversos tipos de suportes informacionais, entre outras (BRASIL, 1962).

Também são dispostas na Lei nº 4.084 (BRASIL, 1962) as características e atribuições correspondentes aos conselhos regulamentadores da profissão, no âmbito federal e regional, criados a partir da promulgação da Lei. Fica estabelecido que tais conselhos são “dotados de

personalidade jurídica de direito público, autonomia administrativa e patrimonial.” e, se tratando do Conselho Federal de Biblioteconomia, o Art 15º fixa que compõem algumas das suas responsabilidades: publicar relatórios anuais apresentando seus trabalhos, bem como listas periódicas de profissionais registrados no Conselho; julgar em última instância os recursos deliberados pelos Conselhos Regionais de Biblioteconomia; deliberar sobre questões concernentes ao exercício das atividades de especialidade dos bibliotecários; submeter à apreciação do Governo Federal alterações convenientes à regulamentação da profissão; realizar periodicamente congressos de conselheiros federais para estudar e debater assuntos referentes à profissão; estar atento às dúvidas e demandas dos Conselhos Regionais (BRASIL, 1962, p. 2). Da mesma maneira, o documento define, no Art 20º, que devem os Conselhos Regionais de Biblioteconomia zelar pela fiscalização do exercício da profissão, registrar os profissionais de acordo com os critérios fixados no Art 2º, letras a e b, averiguar reclamações e infrações à presente Lei direcionando a decisão para o Conselho Federal, apresentar sugestões ao Conselho Federal, entre outras atividades (BRASIL, 1962).

Em 1970, oito anos após a regulamentação da profissão de bibliotecário, foi instituído no primeiro curso de mestrado na área de Ciência da Informação (IBBD) e também o primeiro curso de Licenciatura em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), no final da década de 70 (setenta):

pela Resolução nº. 187, de 26 de dezembro de 1979, pelo então Magnífico Reitor Prof. Guilherme Figueiredo, reconhecido pelo Parecer Ministerial nº. 502, de 20 de dezembro de 1983 (DOU, 1983 apud UNIRIO 2009, p. 18).

A UNIRIO surge em 1979, inicialmente chamada de Universidade do Rio de Janeiro justificando a sigla ainda utilizada, e deriva da Federação das Escolas Isoladas do Estado da Guanabara (FEFIEG), criada em 1969 pelo governo militar e que se caracterizava pela integração de instituições tradicionais de ensino superior, incluindo a Escola de Biblioteconomia e Documentação da Biblioteca Nacional (ANDRADE, 2016). A partir disso, Andrade (2019, p. 89) afirma que:

Torna-se possível traçar uma relação direta entre o Curso de Biblioteconomia da BN, cuja continuidade se deu a partir de sua implantação na, atualmente denominada, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, atualmente a única universidade brasileira que oferece o Curso de Graduação em Licenciatura em Biblioteconomia.

O curso se inicia com 840 horas de carga horária e 20 disciplinas em seu currículo, onde 16 disciplinas são obrigatórias e 4 são eletivas (UNIRIO, 2009). O principal objetivo da licenciatura atualmente é, segundo os autores Silva, Ramos e Batista (2016, p. 28), formar professores que atuem no básico e médio, sendo hábeis para manejar os aparatos tecnológicos necessários e “a possibilidade de novas experiências pedagógicas proporcionadas pela sociedade em rede.”

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) é um documento que tem a finalidade de apontar as ocupações que compõem o mercado de trabalho. Segundo os autores Santos, Neves e Job (2004, p. 42) a CBO

É o resultado de uma extensa análise das atividades desenvolvidas em cada ocupação, realizada por trabalhadores que as exercem e que são reconhecidos pelos seus pares como alguém com alto desempenho.

O profissional bibliotecário está registrado na Classificação Brasileira de Ocupações sob a notação 2612-05, correspondente à Família Ocupacional dos Profissionais da Informação, onde é disposto que eles

Disponibilizam informação em qualquer suporte; gerenciam unidades como bibliotecas, centros de documentação, centros de informação e correlatos, além de redes e sistemas de informação. Tratam tecnicamente informação com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento; desenvolvem estudos e pesquisas; realizam difusão cultural; desenvolvem ações educativas. Prestam serviços de assessoria e consultoria (BRASIL, 2010, p. 379).

Cunha e Crivellari (2004, p. 50) asseguram que entre as ocupações que compõem a família dos profissionais da informação apresentados pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), o bibliotecário é o único “apto a exercer a maioria absoluta das atividades típicas daquela família”, ainda que o bibliotecário esteja, assim como os outros, submetido à categoria de profissional da informação.

Sobre as condições gerais de exercício da profissão o mesmo documento ressalta ainda que os profissionais da informação podem exercer seu trabalho tanto de forma presencial como à distância, com vínculo assalariado ou de forma autônoma, além de trabalharem frequentemente em

[...] bibliotecas, centros de documentação e informação, na administração pública e nas mais variadas atividades do comércio, indústria e serviços, com predominância nas áreas de educação e pesquisa (BRASIL, 2010, p. 379).

Para Santos, Neves e Job (2004), podem ser compreendidas como atividades exclusivas dos bacharéis em biblioteconomia basicamente todos os aspectos relacionados à gerência da unidade de informação, tais como desenvolver planos de gestão e marketing, desenvolver políticas de informação, estabelecer padrões de qualidade gerencial, controlar execução dos planos de atividades, avaliar serviços e produtos, avaliar desempenho de pessoal, analisar tecnologias de informação e comunicação etc. Existem ainda, segundo os autores, atividades ligadas ao tratamento técnico de recursos informacionais, à disseminação da informação, à prestação de serviços de assessoria e consultoria, ao desenvolvimento de estudos e pesquisas (como sondagens sob demanda informacional, coleta de informações sobre a Memória Institucional, elaboração de dossiês e pesquisas temáticas, levantamento bibliográfico, realização de estudos cientométricos, bibliométricos e infométricos, elaboração de diagnósticos para unidades de informação, entre outros), que devem ser executadas apenas por profissionais bibliotecários (SANTOS; NEVES; JOB, 2004).

O mercado de trabalho do bibliotecário pode ser considerado como essencialmente formado por bibliotecas, porém é possível identificar a abrangência de variadas instituições e espaços que demandem a gestão de informação em seus processos (PAIVA et al., 2017). Corroboram Pizarro e Davok (2008) ao afirmarem que o (a) bibliotecário (a) deve aperfeiçoar o seu perfil profissional objetivando suprir as necessidades de organizações que utilizam a informação como insumo para seus processos, sendo essas organizações de diversos tipos e situadas em diferentes contextos. Ainda sobre a ampliação dos espaços de atuação desses profissionais, Cunha e Crivellari (2004, p. 47) indicam que

Além dos espaços “clássicos”, como universidades, escolas e instituições públicas, onde exerce seu trabalho em unidades de informação como bibliotecas, centros de documentação e informação e arquivos, este profissional trabalha atualmente em unidades de informação de cinematecas, filmotecas, videotecas, livrarias, e editoras, sem esquecer de citar a internet que se tem revelado um espaço cada vez mais promissor para os profissionais da informação (CUNHA; CRIVELLARI, 2004, p. 47).

Santos, Neves e Job (2004) entendem que a velocidade das mudanças socioeconômico-culturais produzem perfis profissionais cada vez mais diferenciados, ampliando e diversificando as ações realizadas pelos (as) bibliotecários (as), produzindo “diferenciação ou segmentação dos conhecimentos, competências e habilidades dos seus

agentes” (SANTOS; NEVES; JOB, 2004, p. 56). Esta variedade de campos de atuação também é ressaltada por Pereira e Cunha (2007, p. 53), quando asseveram que é perceptível a diversificação do escopo de atuação dos bibliotecários, dado que estes profissionais não estão mais

[...] restritos às unidades de informação tradicionais (bibliotecas, centros de documentação e arquivos), mas atuando em qualquer instituição que faça uso da informação como jornais, estações de televisão, museus, livrarias, editoras, escritórios de contabilidade e advocacia e Internet, entre outros.

Neste sentido o emprego dos termos “profissões da informação” e “profissionais da informação” se popularizou nas últimas décadas entre a literatura especializada exatamente por refletir que “os serviços de informação apresentam enorme complexidade, demandando mais que o trabalho isolado de qualquer profissão.” (MUELLER, 2004, p. 23).

Diante desse contexto histórico Lankes (2012) entende que os (as) bibliotecários (as) atuais se valem de todas as lições apreendidas em milênios do ofício biblioteconômico para impulsionar uma nova biblioteconomia que se baseie em conhecimento e no engajamento da comunidade de usuários com a biblioteca, exercendo seu trabalho em diversificadas organizações como escolas, câmaras legislativas, universidade etc. Também neste sentido Ferreira e Araújo (2016) entendem que houve ao longo dos séculos muitas mudanças no relacionamento entre biblioteca e sociedade, onde as bibliotecas têm buscado se adaptar às novas exigências sem perder sua essência.

Alguns autores defendem que os (as) bibliotecários (as) se encontram em um estado de transição, ainda dividido entre o passado e o futuro, uma vez que tarefas tradicionais de origem técnica ainda estão muito presentes na sua rotina de trabalho e, todavia, ele percebe a necessidade de “[...] aprender a conviver com o novo e o inusitado, numa constante renovação de seus conhecimentos e do seu agir no trabalho.” (SMIT; BARRETO, 2002, p. 17). O conjunto de conhecimentos e competências, segundo Tomaél e Alvarenga (2000), que anteriormente eram suficientes, são incapazes, atualmente, de suprir sozinhos as exigências da área e os profissionais que estão ingressando precisam estar preparados para competir com os que já atuam no mercado e, por isso, são favorecidos por possuírem experiência de atuação na área.

Neste sentido, a formação inicialmente oferecida pelas escolas de Biblioteconomia, voltada à preservação da cultura, apoio à educação e aprendizagem da administração de recursos informacionais abre espaço agora para a exigência por parte do mercado de trabalho

de uma formação continuada, prosseguindo por meio de cursos de especialização, e que se desenvolve a partir

[...] de um núcleo curricular, com quatro vertentes: fundamentação, planejamento e gerência de sistemas de informação, processamento da informação, e tecnologia da informação, como relata Baptista (2002, p. 2), voltada a “um perfil mais generalista, onde a especialização vem depois” (BORGES, 2004, p. 65).

Para Starr (1996 apud CUNHA; CRIVELLARI, 2004), as profissões da informação, de um modo geral, atravessam um desafio de proporções sem precedentes desde a criação da imprensa por Gutenberg, no século XV, mantendo-se estável e permanente apenas a missão fundamental de todo profissional que atua na área de informação, ou seja, responder às necessidades de informação da sociedade à qual serve. Neste contexto, Pizarro e Davok (2008) afirmam que o grande volume de informações produzido demanda profissionais cada vez mais polivalentes, ampliando também o grupo de profissionais competentes para atuar na área, como, por exemplo, os bibliotecários, documentalistas, consultores de informação, profissionais da comunicação entre outros. Ainda segundo os autores,

Essas áreas podem ser representadas pela tríade “Comunicação-Computação-Ciência da Informação”, à qual Cunha (2000, p. 1) acrescenta a Gestão da Informação, por entender que “A combinação dessas quatro áreas significa serviços de informação gerenciados, com suporte tecnológico, analisados e disseminados de forma eficaz” (PIZARRO; DAVOK, 2008, p. 38).

Segundo Borges (2004, p. 65), através de uma análise sistêmica onde os profissionais da informação se configuram como o resultado de diversas formações, é possível afirmar que compõem o seu fundamento as atividades de:

[...] coleta ou entrada do sistema com as funções de seleção e aquisição; organização incluindo o processamento com o tratamento, recuperação e acesso; a saída com a disseminação e uso, apoiadas por funções administrativas como a tecnologia e a gerência, e voltadas ao seu controlador que é o usuário.

Sobre a postura adotada pelos profissionais da informação, Clausen (1996 apud TOMAÉL; ALVARENGA, 2000) faz uma diferenciação entre três tipos que, segundo o autor, podem ser identificados mais frequentemente sendo os primeiros deles os bibliotecários convencionais, que implementam e monitoram serviços em bibliotecas; os especialistas em

sistemas de informação, que desenvolvem sistemas e solucionam problemas e os analistas de informação, que possuem habilidades voltados ao fornecimento de informação no contexto organizacional.

Marco (2004, tradução nossa) entende os profissionais da informação e documentação como agentes diretos na transferência de conhecimento, uma vez que para eles esse conhecimento representa ao mesmo tempo a matéria e o instrumento de trabalho, não dependendo de possíveis mudanças de perspectivas que possam ser acarretadas pelo local onde desempenhem seu trabalho e sendo decisivo na nova conjectura presente na Sociedade do conhecimento. Para Pizarro e Davok (2008), por sua vez, na sociedade atual os processos de tratamento, agregação de valor, armazenamento e disseminação da informação se constituem como geradores de conhecimentos e devem satisfazer as necessidades da comunidade usuária, sejam cidadãos ou organizações, impulsionando o desenvolvimento social e econômico.

No livro “Introdução a Biblioteconomia”, Nery da Fonseca (2007 apud FERREIRA; ARAÚJO, 2016) discute a relação entre o leitor, usuário e a leitura, ressaltando o impacto que o progresso da indústria gráfica teve na valorização do usuário/eleitor, garantindo que a finalidade principal da biblioteca seja mantida, ou seja, proporcionar o acesso à leitura e encarar o usuário como o mais importante elemento dentro da unidade.

Pereira e Cunha (2007) admitem que o (a) profissional bibliotecário (a) deve estar atento às mudanças e preparado para antever as necessidades da sua comunidade usuária, mantendo-se integrado à instituição à qual pertence, participando ativamente do seu processo decisório e garantindo uma atuação efetiva na sociedade. Corrobora Guimarães ao atestar que o papel do (a) bibliotecário (a) atualmente consiste em

[...] lidar com a informação em um contexto de precisão temática, adequação de fontes, tempo, forma, a partir de um dado contexto de necessidade informacional (GUIMARÃES, 2000 apud PEREIRA; CUNHA, 2007, p. 55).

Tomaél e Alvarenga (2000) apresentam o (a) bibliotecário (a) como o (a) profissional capaz de localizar a informação desejada pelo usuário no tempo, formato e abrangência esperados, fazendo uso competente das tecnologias disponíveis para tanto, selecionando as informações de maneira precisa e agregando valor a elas, demonstrando domínio em pesquisas em bases de dados e no seu desenvolvimento, sendo

[...] um avaliador consciente de fontes de informação; um analista competente no processo de obtenção da informação; um mergulhador e surfista ou mesmo um agente de turismo nas rodovias da informação (MARCHIORI, 1996 *in* TOMAÉL; ALVARENGA 2000, p. 83).

Para Salcedo e Silva (2017), é possível notar a existência de um senso comum sobre o lugar que o (a) profissional bibliotecário (a) ocupava na sociedade ter sido sobrepujado pelos avanços tecnológicos, tornando dispensável seu trabalho. Sobre esse tema, Lankes (2012) defende que os (as) bibliotecários (as) não são ameaçados (as) pelo desenvolvimento tecnológico e/ou pela internet mas que eles a acompanham, sendo eficazes, buscando entender a necessidade informacional do usuário, sintetizando as informações e disseminando o conhecimento. Os autores comentam ainda essa questão apontando que o (a) profissional da informação deu seguimento às “[...] premências da sociedade, adequando-se ao avanço tecnológico e expandindo sua função para além das fronteiras da biblioteca.” (SALCEDO; SILVA, 2017, p. 23) e, ainda que contrariando o senso comum, isso reafirma a necessidade da existência do (a) bibliotecário (a), uma vez que

A aparente facilidade ao acesso da informação difundida pela internet, por exemplo, acabou por contribuir para que as opiniões do senso comum sobre a importância desse profissional distanciem-se cada vez mais da realidade (SALCEDO; SILVA, 2017, p. 23).

Borges (2004) entende que o avanço tecnológico alterou a percepção de espaço e tempo dos indivíduos e o (a) profissional da informação deve se ajustar a este novo quadro de exigências. Segundo aponta Silva (2004), essa nova realidade influencia no cotidiano do (a) bibliotecário (a), que vem experimentando mudanças decorrentes do desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação, como a presença de usuários cada vez mais familiarizados com a informação em meio eletrônico e independência nas pesquisas na rede, sendo importante o esforço do (a) profissional em disponibilizar essas informações de maneira clara e confiável para uso na internet. Desta forma, essas novas tecnologias impactam diretamente sobre as bibliotecas, dado que estas se constituem como organismos sociais prestadores de serviços de informação que estão em constante “[...] intercâmbio com a sociedade da qual sofre influência cultural, econômica, científica e tecnológica.” (SILVA, 2004. p. 85). Ainda segundo o autor, as novas tecnologias contribuem para a reformulação dos serviços já prestados pelas bibliotecas, motivando o investimento em capacitação profissional e transformando o relacionamento entre a unidade de informação e a comunidade usuária, conduzindo também os (as) bibliotecários (as) a refletirem sobre questões

importantes à sua atuação profissional, como “[...] a propriedade intelectual, a segurança de dados pessoais, a liberdade de acesso à informação, também de interesse da sociedade.” (SILVA, 2004, p. 85).

De acordo com a Associação Americana de Bibliotecários, citada por Lankes (2012), o (a) profissional da informação está atento aos novos serviços e tecnologias que facilitam a criação de conhecimento, os processos de comunicação, seleção e aquisição de documentos, bem como a sua organização, recuperação, preservação e divulgação, entre outros serviços característicos da gestão informacional. Existem ainda outras questões apontadas por Borges (2004), que são reflexos da sociedade da informação e do conhecimento sobre o cotidiano de trabalho dos profissionais da informação, tais como:

[...] a distância e o tempo entre a fonte de informação e o seu destinatário deixaram de ter qualquer importância. As pessoas não precisam se deslocar porque são dados que viajam;
as tecnologias de informação e de comunicação tornaram o mundo uma “aldeia global”, como também criaram novos mercados, serviços, empregos e empresas;
as tecnologias de informação e de comunicação alteraram a noção de valor agregado à informação e interferiram no ciclo informativo tanto do ponto de vista dos processos e das atividades, como gestão e dos custos;
a probabilidade de serem encontradas respostas inovadoras a situações críticas é muito superior à situação anterior;
o monitoramento e avaliação do uso da informação são reforçados e facilitados, e tornaram-se mais rápidos, menos onerosos, mais consistentes e confiáveis [...] (BORGES, 2004, p. 58).

Cunha e Crivellari (2004) compreendem que a natureza do setor de informação é heterogênea mas que, ainda assim, pode ser observado o que eles chamam de unidade na diversidade, se referindo ao fato de que, mesmo os (as) profissionais da informação exercendo seu ofício em instituições de caráter e usuários variados, é possível reuni-los por meio de um conjunto de ideias comuns a todos esses profissionais e relacionadas aos fluxos informacionais, ou seja, o movimento de entrada, tratamento, saída da informação.

Os autores defendem ainda a existência de dois movimentos paralelos que resumem a atuação dos (as) profissionais da informação, onde o primeiro é “[...] um movimento de abertura do campo para profissionais de outras áreas do conhecimento [...]”, enquanto o segundo se trata de um movimento voltado à “[...] colonização de espaços diversificados de atuação profissional.” (CUNHA; CRIVELLARI 2004, p. 47). Para eles, a delimitação clara do espaço de ação de uma profissão, do seu campo de competência e a interação com outras

profissões correlatas são elementos essenciais para o sucesso e fortalecimento da luta pela sobrevivência dos seus espaços profissionais, uma vez que

Quando os limites de uma profissão não são claramente definidos, profissionais de outras áreas “invadem” seu campo, havendo, assim, uma disputa por espaço. A evolução das profissões, fundamenta, portanto, estas relações e a competição que existe entre elas (CUNHA; CRIVELLARI, 2004, p. 43).

Valentim (2000 apud SANTOS et al., 2016, p. 19) aponta a existência de três segmentações dentro do mercado de trabalho biblioteconômico, sendo elas

o “mercado informacional tradicional” que abrange as bibliotecas públicas, universitárias, escolares, especializadas, centros culturais e arquivos; o “mercado informacional de tendências”, que compreende a atuação em centros de informação/documentação em empresas privadas, bancos e bases de dados eletrônicos e digitais, portais de conteúdo e portais na internet ou intranet e, o “mercado informacional existente e não ocupado”, que é composto por editoras, empresas privadas, provedores de internet, livrarias, bancos e bases de dados.

Os dois últimos grupos são formados por profissionais atuantes em meios menos usuais e juntos eles formam um grupo de precursores que abre caminho e oportunidades para os próximos colegas de profissão. Ainda sob essa perspectiva, Barbosa (1998 apud SANTOS et al., 2016) atesta que a combinação entre o conhecimento convencional em Biblioteconomia e os novos contextos impulsionará o surgimento de novas oportunidades para os profissionais, ainda que esta não ocorra apenas por conta da pluralidade encontrada na formação do bibliotecário ou por causa dos avanços tecnológicos, mas também tem forte impacto a relação entre empregado e empregador.

Ortega y Gasset (2006 apud Salcedo; Silva 2017), no entanto, reconhecem que, mesmo tendo uma gama de possibilidades de atuação, os (as) profissionais bibliotecários (as) tendem a se manter em caminhos já reconhecidos da área, mesmo quando também manifestam interesse por áreas menos convencionais. Sobre isso, Mueller (1989) diz que a ocupação de novos espaços demanda imediatamente o aprimoramento de competências e habilidades que nem sempre já fazem parte do cotidiano dos (as) bibliotecários (as). Além disso, a autora chama a atenção para o fato de que

[...] se há novas demandas, elas serão respondidas. Os espaços profissionais não ocupados não permanecem vazios por muito tempo. São logo ocupados por quem se qualifica ou se torna competente para isso. E daí nasce um

conflito entre o desejo da classe de reter o domínio sobre esses novos campos de trabalho, e as estruturas atuais de ensino e preparação profissional, que não conseguem acompanhar com a mesma rapidez a evolução da técnica, dos conceitos, da demanda. Desse conflito nascem dúvidas até mesmo quanto à legitimidade da atuação de bibliotecários em áreas até agora consideradas centrais à profissão, como, por exemplo, a área da informação especializada. (MUELLER, 1989, p. 178).

Corroboram Lankes (2012), atentando para o fato de que alguns bibliotecários (as) consideram a proximidade de atuação dos profissionais da informação como uma possível ameaça. Para o autor, é um fator muito negativo quando o (a) bibliotecário (a) define a sua profissão por meio de suas atividades e ferramentas, ignorando o principal aspecto que é a sua missão e o impacto na comunidade. Ferreira e Araújo (2016) identificam uma parcela de usuários que já reconhecem em outros profissionais, e não no (a) bibliotecário (a), mais velocidade e precisão na recuperação da informação, levando esses usuários ao gradativo desinteresse pelas bibliotecas.

Mueller (1989, p. 183, grifo nosso) esquematiza alguns campos de atuação do (a) profissional bibliotecário (a):

- **o bibliotecário curador**, responsável preservação e organização dos registros do conhecimento;
- **o bibliotecário voltado para a educação**, que normalmente trabalha junto a instituições de ensino ou com Bibliotecas Públicas e cuja preocupação principal é o aprimoramento do usuário;
- **o bibliotecário especializado**, que trabalha com usuários também especializados e cuja preocupação principal é o fornecimento da informação propriamente dita e não o aprimoramento pessoal do usuário;
- **o bibliotecário com funções de gerência**, administração, planejamento de sistemas e também de políticas de informação;
- **e o pesquisador**, responsável pelo avanço da área.

As profissões da informação se orientam, segundo Dosa (1988 apud MUELLER, 1989), para o uso da informação, sendo esse uso a meta dos profissionais e apresentando-se como uma finalidade ainda mais coerente que o “usuário da informação”. Corroboram Brito e Valls (2015 apud FERREIRA; ARAÚJO, 2016) ao apresentarem a biblioteca como um espaço destinado à capacitação de pessoas para o uso crítico da informação, permitindo que elas alcancem a reflexão, crítica e construção autônoma de ideias.

Para Partridge, Menzies, e Munro (2010 apud SANTOS et al., 2016), por sua vez, as bibliotecas atuais não podem restringir sua atuação à oferta de livros e informação, antes sim devem buscar proporcionar meios de interação e participação entre as pessoas, se mantendo

dinâmicas em relação às evoluções tecnológicas presentes e futuras. O (a) bibliotecário (a) deve buscar a melhor qualidade para a informação que ele pretende oferecer, de modo que atenda às demandas por pesquisas, exigindo dele não apenas atributos técnicos, mas também características como criatividade, dinamismo, empreendedorismo e ousadia.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção está exposta a metodologia científica adotada para a realização da pesquisa proposta no trabalho. O método científico, segundo Gil (1987), pode ser definido como o caminho para alcançar um determinado fim, se constituindo como um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos que resultam em conhecimento. Ainda segundo o autor, para que esse conhecimento possa ser considerado científico é necessário “determinar o método que possibilitou chegar a esse conhecimento.” (GIL, 1987, p. 27), tornando possível sua verificação.

O presente trabalho de conclusão de curso apresenta uma revisão de literatura, empregando, para sua confecção, o método científico exploratório e lançando mão do levantamento bibliográfico como modelo de pesquisa, culminando numa análise inicialmente quantitativa e, posteriormente, qualitativa. De acordo com Gil (2002), a pesquisa exploratória objetiva o desenvolvimento da familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e frequentemente envolve, como no caso dessa pesquisa, o levantamento bibliográfico.

4.1 CAMPO DA PESQUISA

O campo de pesquisa, de acordo com Gil (2002), consiste no estabelecimento das fontes que fornecerão as respostas ao problema da pesquisa. Desta maneira, o campo de pesquisa onde foi realizado o levantamento bibliográfica dessa pesquisa são as bases de dados referenciais Library and Information Science Abstracts (Lisa) e Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci). A escolha por essas bases de dados reflete a delimitação das publicações especializadas na área de Ciência da informação, pois pretendia-se que a recuperação de artigos científicos voltados ao tema de inteligência competitiva fossem publicados em periódicos indexados por bases de dados referenciais neste campo de estudos em nível nacional e internacional. Para fins de exposição do percurso dos levantamentos, cabe ressaltar que a proposta inicial envolvia também a base de dados Information Science and Technology Abstracts (Ista) mas, devido ao volume de periódicos científicos recuperados nas duas bases mencionadas e a duplicidade que costuma representar com a Lisa, esta foi prescindida.

a) Library and Information Science Abstracts (Lisa): base de dados referencial de responsabilidade do ProQuest, especializada em Ciência da informação e desenvolvida para bibliotecários e especialistas em Informação, sendo também uma ferramenta de cobertura internacional que atualmente conta com cerca de 440 mil títulos de periódicos indexados de mais de 68 países em 20 idiomas diferentes e frequência de atualização quinzenal, com média de 500 registros adicionados a cada atualização (PROQUEST, [201-]).

b) Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci): editada pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), a base fornece acervo de publicações brasileiras em Ciência da informação com abrangência desde de 1972 até o momento atual, contendo cerca de 57 revistas científicas – 40 delas ativas e 17 descontinuadas – responsáveis pelos 19.255 trabalhos disponibilizados na base, tendo vasta cobertura em texto completo (BRAPCI, 2018).

4.2 POPULAÇÃO/AMOSTRA

Esta etapa aponta as “informações acerca do universo a ser estudado, da extensão da amostra e da maneira como será relacionada.” (GIL, 2002, p. 161). A população que constitui o universo desta pesquisa é, portanto, todo o material científico produzido na área de Inteligência competitiva presente nas bases Lisa e Brapci e a amostra, por sua vez, é o conjunto de artigos científicos em língua portuguesa produzidos por bibliotecários (as) que atendam aos critérios estabelecidos pela pesquisa. Desta forma, vieram a compor o universo desta pesquisa os 222 artigos recuperados nas bases de dados indicadas, dentre os quais 78 foram analisados na amostra.

4.3 TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Para viabilizar o levantamento de dados foi utilizada a pesquisa bibliográfica que, para Gil (2002), oferece a vantagem de cobrir uma ampla gama de fenômenos, sendo especialmente proveitosa quando a pesquisa demanda dados muito dispersos pelo espaço. A técnica de coleta de dados utilizada nesta pesquisa é o levantamento bibliográfico, técnica essa que é formada principalmente a partir de livros e artigos científicos, sendo desenvolvida exclusivamente por meio de fontes bibliográficas (GIL, 2002). Foi realizada, portanto, uma busca básica nas bases de dados Lisa e Brapci utilizando a expressão de busca em língua portuguesa “Inteligência competitiva”, determinada a partir da elaboração do referencial

teórico, estabelecendo o uso padrão de “aspas” como estratégia de busca para garantir que os itens recuperados apresentassem maior pertinência com o tema e sem aplicação de recorte temporal em ambas as bases .

A análise de dados, por sua vez, envolve a descrição de toda metodologia empregada tanto na realização da análise quantitativa quanto qualitativa (GIL, 2002). Dessa forma, para a análise dos resultados obtidos no levantamento foi levado em consideração a disponibilidade do artigo na modalidade texto completo, uma vez que as bases utilizadas são referenciais e não estão obrigadas a oferecer o acesso ao texto integral. Ato contínuo, foi verificado o idioma dos artigos recuperados filtrando apenas as publicações em língua portuguesa e, por fim, foram preservados, para balizar o desenvolvimento da análise do (a) bibliotecário (a) na produção científica sobre Inteligência competitiva, os artigos que contavam com a participação de bibliotecários (as) na sua autoria. Para tanto, foram entendidos como bibliotecários (as) os (as) autores (as) que dispunham do grau de bacharelado na área de Biblioteconomia, não sendo considerado se o (a) profissional atua na área de formação ou se tem vínculo com o Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) ou com Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB). Para atender à verificação deste atributo foi realizada pesquisa dos (as) autores (as) no Currículo Lattes e exame das informações dispostas na descrição da formação acadêmica dos autores nos próprios itens analisados, presente na quase totalmente dos artigos científicos.

Cabe ressaltar que o critério estabelece a seleção de artigos em língua portuguesa, no entanto, isso não implica que o (a) bibliotecário (a) autor (a) do texto seja brasileiro (a), mas sim que ele (a) tenha vínculo acadêmico com o Brasil. Também não é necessário que o artigo científico esteja publicado em periódicos nacionais, desde que ele atenda aos demais critérios mencionados.

Todos os periódicos que vieram a compôr a amostra da pesquisa foram submetidos à pesquisa na plataforma Sucupira, tendo em vista a aferição do estrato Qualis a eles conferido à época da publicação, dentro da área “Comunicação e Informação” e utilizando ambos os recortes temporais oferecidos pela plataforma (triênio e quadriênio), cobrindo o intervalo entre 2010 à 2016.

5 O (A) BIBLIOTECÁRIO (A) NA INTELIGÊNCIA COMPETITIVA

Para satisfazer os objetivos propostos na concepção deste estudo, a presente seção apresenta o levantamento bibliográfico realizado, bem como sua análise, identificando por meio de uma revisão de literatura qual o papel do (a) bibliotecário (a) na produção de conhecimento científico sobre Inteligência competitiva, no campo de estudos da Informação. A partir da coleta de dados foi indicado o volume de artigos científicos que representam a produção científica sobre Inteligência competitiva nas duas bases de dados utilizadas, uma de abrangência internacional, Library and Information Science Abstracts (Lisa), e a outra cobrindo apenas a produção nacional, Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci).

Para análise dos dados levantados foi aplicada, primeiramente, uma sistematização quantitativa (Apêndice A) de modo a viabilizar a abordagem qualitativa. Foi estabelecida a não aplicação de recorte temporal à pesquisa, objetivando identificar o possível surgimento e aprofundamento do interesse dos (as) bibliotecários (as) pelo tema. Desta forma, a partir dos resultados das buscas a cobertura temporal da pesquisa passou a ser da década de 1990 ao ano 2018.

A subseção a seguir apresenta a revisão crítica dos dados levantados, organizados a partir de dispersões dos artigos por ano, autores, periódicos, estrato Qualis, região e, por fim, uma nuvem de palavras, possibilitando visualizar os temas que mais despertam o interesse dos (as) bibliotecários (as) na área de Inteligência competitiva.

5.1 O (A) BIBLIOTECÁRIO (A) NA INTELIGÊNCIA COMPETITIVA: ANÁLISE DOS DADOS

Com base nos resultados obtidos no levantamento bibliográfico foi possível observar a trajetória dos (as) bibliotecários (as) que manifestam interesse na temática, tornando possível traçar um panorama da produção científica desses profissionais na área. Estão sistematizados à frente todos os procedimentos e mecanismos utilizados para alcançar as conclusões que se seguem.

Para possibilitar a pesquisa na Lisa foi efetuado, previamente, o acesso ao Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) via Proxy, a partir de *login* no Sistema Integrado de Gestão Acadêmica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O Proxy é o mecanismo de “Acesso Remoto Integrado” que tem

como objetivo proporcionar à comunidade com vínculo ativo na UFRJ o acesso em tempo integral à informação científica e tecnológica, sendo provido a partir da parceria entre o Sistema de Bibliotecas e Informação (SIBI) e a Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) (PROXY, [201-]).

Dado o acesso ao Portal Capes foi selecionado o campo “Buscar Base”, inserindo na busca a expressão “Lisa”, que retornou o link para acesso ao periódico. Foi, então, empregada uma busca básica pelo termo “Inteligência competitiva”, fazendo emprego das aspas, como estabelecido nos procedimentos metodológicos, visando melhor apuração acerca do tema e sem aplicação de recorte temporal. Essa atividade retornou 74 itens, onde apenas 33 ofereciam acesso ao texto completo no formato *Portable Document Format* (PDF), dentre os quais 22 foram prescindidos por não estarem em língua portuguesa, 1 por não contar com bibliotecários na sua autoria e 1 por se tratar de resenha, não sendo interessante para os critérios estabelecidos para a pesquisa. Restaram, portanto, 9 artigos perfeitamente dentro dos critérios estabelecidos para a pesquisa, que cobrem o intervalo temporal entre 1999 e 2017.

Na base de dados Brapci, igualmente, foi realizada uma busca básica utilizando a expressão “Inteligência competitiva”, também empregando o uso de aspas, que resultou em 148 resultados com 117 apresentando texto completo, dentre os quais 35 foram descartados por não apresentarem bibliotecários na sua autoria, 5 por estarem em língua estrangeira e 3 por se serem resenhas e não artigos científicos, resultando em 74 publicações que cobrem o período entre os anos de 1993 e 2018. Dessas 74 publicações, 2 documentos foram desconsiderados da análise dos dados por se tratarem de anais de eventos e, portanto, não atenderem aos critérios estabelecidos para a análise, a saber:

Quadro 1 – Publicações descartadas da análise

Autoria	Título	Ano
TARAPANOFF, Kira (Coord.).	Grupo 7 - Planejamento e gestão de sistemas de informação e inteligência competitiva.	2000
CUNHA, Murilo Bastos (Coord.).	Grupo 3 – Novas tecnologias, redes de informação e educação à distância.	2000

Fonte: Elaborado a partir de Lisa (2018) e Brapci (2018).

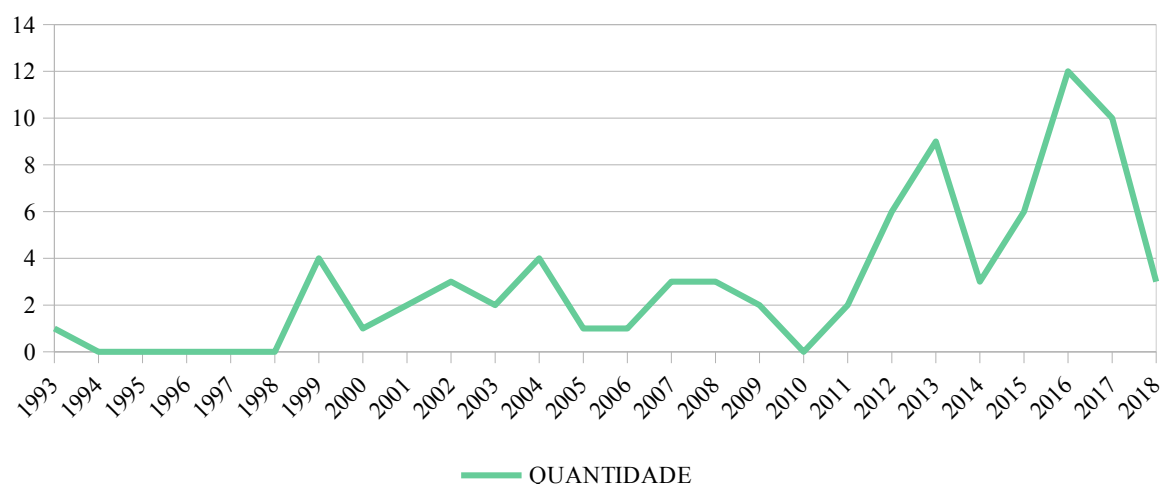
Em resumo, foram identificados 9 artigos na Lisa e 72 na Brapci passíveis de serem considerados na análise de dados, somando 81 artigos científicos que se enquadravam em todos os critérios estabelecidos na metodologia empregada. Vale ressaltar, porém, que entre esses 81 artigos, 3 foram recuperados em ambas as bases e, portanto, foram considerados na análise de forma individual mas não foram repetidos na contagem geral totalizando, enfim, 78 artigos científicos a serem tratados na análise de dados.

É possível que a discrepância entre o número de artigos em texto completo recuperados nas duas bases possa ser justificada pelo fato de a Brapci trabalhar com periódicos, em sua maioria, de acesso aberto. Cabe ressaltar que alguns dos textos apresentados na busca realizada na Lisa que não foram disponibilizados pela própria base em texto completo poderiam ser acessados a partir do site do periódico, no entanto, optou-se por trabalhar apenas com textos cedidos pelas bases de dados que compunham o campo de pesquisa.

É necessário destacar que, durante o processo de realização do levantamento bibliográfico, ocorreram dificuldades que retardaram a fluidez da pesquisa, ainda que sem grande prejuízo ou atraso considerável. A primeira delas foi uma indisponibilidade no Sistema Integrado de Gestão Acadêmica da UFRJ, que ficou fora do ar por alguns dias, impossibilitando o acesso ao Portal Capes. Conjuntamente, ocorreu uma indisponibilidade na Brapci, que se estendeu também por alguns dias, levando a base a apresentar inconsistência nos resultados recuperados. As buscas que possibilitaram a formação da amostra da pesquisa foram efetuadas, em ambas as bases, no dia 30 de outubro, a partir de um computador pessoal com navegador conectado à conta, também pessoal, no Google e sem aplicação de recorte temporal.

Os resultados obtidos a partir do levantamento bibliográfico tornou possível observar o delineamento do interesse dos (as) bibliotecários (as) pelo tema ao acompanhar o volume de publicações dispersas pelos anos identificados na cobertura temporal da pesquisa, como é apresentado no Gráfico 1, a seguir. Mais uma vez vale esclarecer que esse recorte temporal foi identificado a partir do levantamento e não propositalmente estipulado, sendo interessante para a pesquisa verificar quando despontou o interesse pela temática no campo de estudos da Informação.

Gráfico 1 – Dispersão da produção científica por ano



Fonte: Elaborado a partir de Lisa (2018) e Brapci (2018).

É possível notar que a primeira publicação identificada sobre a temática surge em 1993, o que se alinha ao panorama mundial que passa a considerar a Inteligência como um apoio à gestão organizacional por volta de 1989, com o fim da guerra fria, e não mais concentrando esforços exclusivamente no desenvolvimento da Inteligência militar como até então se fazia. Também a primeira década do século XXI, como apontado no referencial teórico, foi marcada por significativa elevação na produção científica mundial sobre a temática. Em esfera nacional observamos que houve um depauperamento no intervalo entre 1994 e 1998, que não apresentaram nenhuma publicação na área feita por bibliotecários (as), mas o quadro sofre mudanças a partir de 1999 e segue se modificando nos anos seguintes. Uma possível justificativa para essa mudança de panorama foi a realização, nos anos de 1999, 2002 e 2009, do Workshop Brasileiro de Inteligência Competitiva e Gestão do Conhecimento, sendo a edição de 1999 considerada um marco para a divulgação científica da área no Brasil (AMARAL et al., 2016). Ainda que de maneira que pode parecer tímida, pode-se observar que os profissionais bibliotecários no Brasil acompanham essa movimentação científica, apresentando em 1999 e nos cindo primeiros anos do século XXI uma elevação no interesse pelo tema.

Também nessa época foi realizado o Curso de Especialização em Inteligência Competitiva (CEIC), ministrado em 5 cidades brasileiras e que objetivava a produção e rápida disseminação da literatura nacional sobre Inteligência, resultando também na criação, por ex-

alunos do curso, da Associação Brasileira dos Analistas de Inteligência Competitiva (ABRAIC) no ano 2000 (AMARAL et al., 2016).

A principal elevação, no entanto, é percebida nos últimos 6 anos quando o número de publicações já em 2012 é de 6 artigos, seguido de 2013 com 9 artigos publicados e o recorde em 2016 com 12 artigos, ao passo que o maior índice observado na década anterior havia sido de 4 publicações, em 2004. Esse aumento pode ser justificado tanto pelas mudanças nos ambientes de negócios, que se tornaram cada vez mais competitivos, como pelos avanços tecnológicos e a intensificação da produção de informações tanto formais quanto informais, tornando a gestão da informação e do conhecimento cada vez mais necessária para garantir à organização seu posicionamento e sobrevivência no segmento onde ela atua, se aproximando progressivamente do campo de estudos e trabalho dos profissionais da informação.

Vemos também que, até o momento, o número de publicações feitas em 2018 é relativamente baixo, porém esse número não expressa valores definitivos já que se trata do mesmo ano em que a pesquisa foi desenvolvida e ainda podem ser realizadas novas publicações até que se finde o ano.

A partir do levantamento bibliográfico foi possível também a apreciação dos (as) autores (as) dos artigos científicos de acordo com sua formação acadêmica, viabilizando também o apontamento dos (as) bibliotecários (as) que mais frequentemente publicaram sobre a temática. Para tanto, todos os textos recuperados no levantamento que foram previamente filtrados pelos critérios de acesso ao texto completo, idioma e apresentação em formato de artigo científico foram submetidos à análise da formação acadêmica dos (as) autores (as) a partir da verificação da descrição presente nos artigos, apoiada por busca do currículo de todos os (as) autores (as) na Plataforma Lattes.

Desta forma, foram identificados nos 78 artigos o total de 135 autores expostos na íntegra no Apêndice A, dos quais 87 possuem grau de bacharel em Biblioteconomia. Na tabela a seguir, por sua vez, são apresentados os (as) 20 bibliotecários (as) que mais frequentemente publicaram artigos dentro do escopo da nossa amostragem, sendo considerados para formulação da tabela apenas os autores que possuíam ao menos 2 publicações sobre o tema.

Quadro 2 – Frequência dos (as) autores (as)

Autores (as)	Frequência
VALENTIM, Marta Lígia Pomim	11
ARAÚJO JÚNIOR, Rogério Henrique de	7
NASSIF, Mônica Erichsen	7
AMARAL, Roniberto Morato	5
DUARTE, Emeide Nóbrega	3
PEREIRA, Maria de Nazaré	3
PERUCCHI, Valmira	3
SANTOS, Juliana Cardoso dos	3
TARAPANOFF, Kira	3
ARAÚJO, Paula Carina de	2
AZEVEDO, Alexander Willian	2
BELLUZZO, Regina Célia Baptista	2
BEM, Roberta Moraes de	2
CORMIER, Patricia Marie Jeanne	2
KANEOYA, Paula Hidemi	2
MOLINA, Letícia Gorri	2
SANTOS, Ester Laodicea	2
SANTOS, Luana Carla Moura dos	2
TEIXEIRA, Renata Cristina	2
VIEIRA, Anna da Soledade	2

Fonte: Elaborado a partir de Lisa (2018) e Brapci (2018).

A autora que proeminentemente mais tem publicado sobre o tema é a professora Marta Lígia Pomim Valentim, que atualmente exerce livre docência em Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), é coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Unesp, Presidente da Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN) e exerceu, entre os anos de 2009 e 2011, o cargo de Vice-Presidente da Asociación de Educación e Investigación en Ciencia de la Información de Iberoamérica y el Caribe (EDICIC).

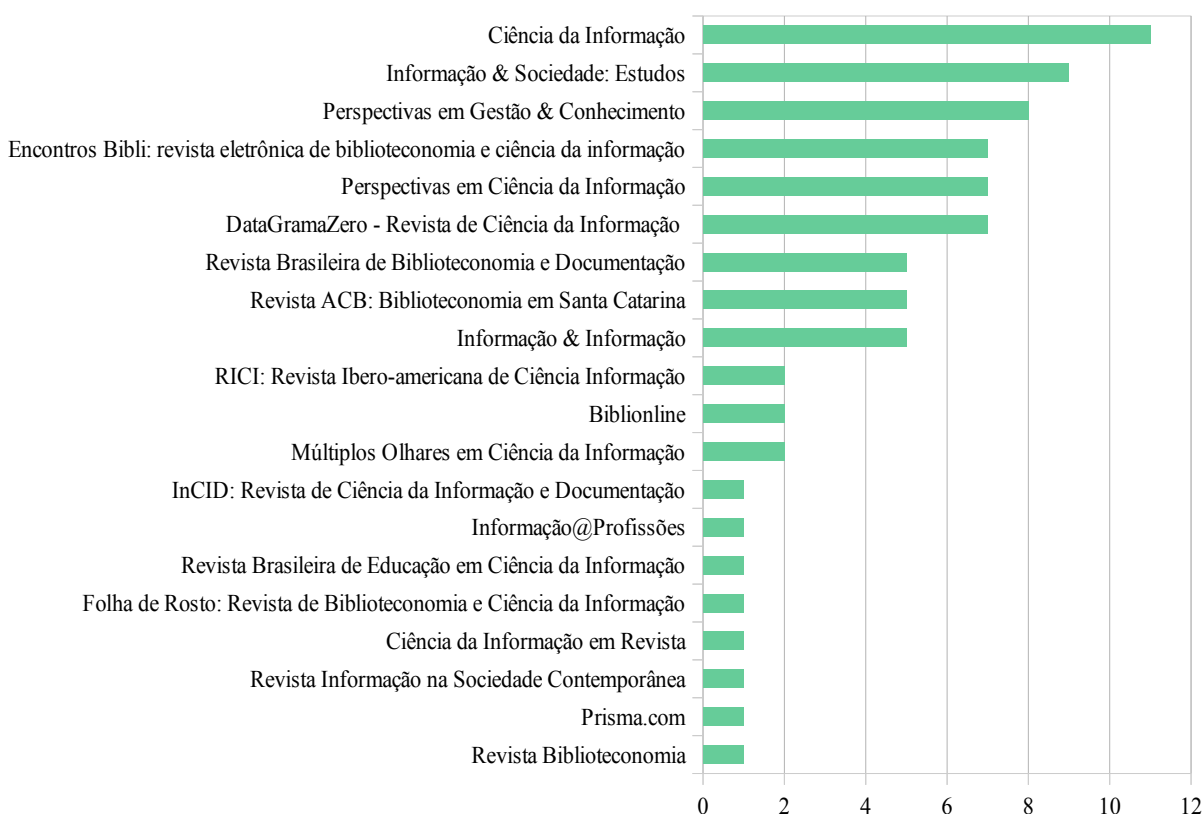
É possível notar também que os dois autores mais frequentes, Valentim e Araújo Júnior, já publicavam sobre Inteligência nos anos anteriores à 2005 e, por isso, estão não só entre os autores mais recorrentes na amostragem, como também entre os mais antigos a

demonstrar interesse pela temática, seguidos pela autora Mônica Erichsen NASSIF, cujo artigo mais antigo recuperado no levantamento é de 2008.

Vale lembrar que a amostragem considera os artigos publicados em língua portuguesa onde os (as) autores (as) bibliotecários (as) desenvolvam atividade acadêmica no Brasil, mas não é exigido, para tal, que eles sejam brasileiros (as), como no caso da autora Lisandra Guerrero Pérez (Apêndice A), cubana graduada em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Universidade de La Habana, em Cuba, mas que possui mestrado pela Universidade Federal de Minas Gerais e doutorado em curso na mesma instituição. Ela é autora do artigo “Fatores de influência na avaliação dos observatórios sociais do Brasil sob a perspectiva da gestão de informação”, em parceria com a também bibliotecária Mônica Erichsen Nassif e publicado em 2017 no periódico "Informação & Sociedade”.

O Gráfico 2 foi estruturado com a intenção de apresentar a dispersão por periódico dos artigos que compõem a pesquisa, evidenciando quais periódicos científicos especializados no campo de estudos da Informação demonstram maior interesse por trabalhos desenvolvidos sobre a temática da Inteligência Competitiva.

Gráfico 2 – Dispersão por periódico científico



Fonte: Elaborado a partir de Lisa (2018) e Brapci (2018).

Foram identificados 20 periódicos científicos responsáveis pela publicação dos 78 artigos que compõem a amostragem da pesquisa. O periódico com maior número de artigos é a revista “Ciência da Informação”, com 11 publicações, seguido da revista “Informação & Sociedade: Estudos”, com 9 artigos e da revista “Perspectivas em Gestão & Conhecimento”, com 8 publicações. Foram identificadas 7 publicações nos periódicos “Encontros Bibli: Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação”, “Perspectivas em Ciência da Informação” e no paraibano “DataGramaZero”. A “Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação”, bem como a “Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina” e o periódico “Informação & Informação”, de Londrina, apresentaram 5 publicações cada. Já as revistas “RICI: Revista Ibero-americana de Ciência da Informação”, “Biblionline” e “Múltiplos Olhares em Ciência da Informação” registraram 2 publicações desenvolvidas por bibliotecários sobre a temática. Cada um dos 8 periódicos restantes apresentaram apenas 1 publicação dentro da amostra.

A partir dessa sistematização foi elaborada também a relação da classificação Qualis da produção científica corresponde à amostragem. Sob a responsabilidade da Capes, o Qualis-Periódicos é o sistema por meio do qual se busca atribuir valorações à produção científica especificamente dos programas de pós-graduação apresentada em artigos publicados em periódicos científicos (BRASIL, 2016a). Essa avaliação fica a cargo de comitês de consultores representantes de cada uma das áreas de avaliação, obedecendo a critérios de antemão estabelecidos, que visam refletir sobre a importância que diferentes periódicos possuem dentro da área onde ele está sendo avaliado (BRASIL, 2016a). A classificação da produção científica se dá, portanto, de forma indireta uma vez que o Qualis realiza a aferição da qualidade do artigo através da apreciação do veículo de divulgação utilizado, atribuindo a notação ao periódico científico. Esses veículos devem, portanto, serem enquadrados nos estratos indicativos de qualidade, sendo eles: A1 – a classificação mais elevada; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C – classificação mais baixa, possui peso zero (BRASIL, 2016a).

Cabe ressaltar que pode acontecer de o mesmo periódico ser qualificado com estratos diferentes, dada a possibilidade de que ele tenha sido avaliado em mais de uma área e, segundo os critérios de cada área, ter recebido classificações diferentes. Atualmente a Plataforma Sucupira, por meio da qual a Capes disponibiliza o acesso às qualificações, oferece duas possibilidades de recorte temporal, sendo a primeira delas o Triênio, que cobre o intervalo de 2010 à 2012, e a segunda o Quadriênio, que cobre de 2013 à 2016. Desta forma, o estrato que um determinado periódico apresentava nos anos do Triênio pode ter sofrido

mudança na atualização apresentada no Quadriênio e, a depender do ano em que o artigo foi publicado, isso também pode levar o mesmo periódico a ser identificado com estratos diferentes. Esse dado é importante para nossa pesquisa, que apresenta artigos com diversos anos de publicação.

Para estruturação da Tabela 1 foi realizado acesso à Plataforma Sucupira e selecionado o método de avaliação “Qualis-Periódicos”, efetuando uma busca avançada através da opção “Qualis Periódicos”. Foi, então, selecionado o recorte temporal que cobria o ano de publicação do artigo, especificando no campo “Área de Avaliação” a opção “Comunicação e Informação”, grande área que abarca a Biblioteconomia e, por fim, no campo “Título” foi inserido o nome do periódico e efetuada a pesquisa.

Tabela 1 – Classificação Qualis-Periódicos

Estrato Qualis	Frequência de artigos	%
A1	11	14,10
A2	6	7,69
B1	21	26,92
B2	3	3,85
B3	0	0,00
B4	0	0,00
B5	9	11,54
C	0	0,00
Anteriores ao recorte temporal da avaliação (1993 - 2009)	27	34,62
Periódicos não identificados na base	1	1,28
Total	78	100,00

Fonte: A partir de Plataforma Sucupira (2018).

Elaborada a tabela percebemos, a partir da sua observância, que o estrato mais frequente é o B1, encontrado em 26,92% da amostra, sendo atribuído aos periódicos “Perspectivas em Gestão & Conhecimento”, “Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação”, “RICI: Revista Ibero-americana de Ciência Informação”, “Informação & Informação” e “Ciência da Informação”. Na sequência podemos observar que os estratos A1 e B5 estão presentes em, respectivamente, 14,10% e 11,54% das publicações analisadas e, por

isso, se constituem como o segundo e terceiro estratos com maior recorrência entre as publicações. O estrato B2, por sua vez, foi identificado em apenas 3,85% das publicações e os demais estratos não

Observa-se também que 34,62% dos periódicos onde foram publicados artigos entre os anos 1993 e 2009, dentro da nossa cobertura temporal, não foram estratificados na tabela por serem anteriores ao estabelecimento da métrica pela Capes. Não foi possível encontrar o registro de 1 periódico na Plataforma Sucupira, a saber:

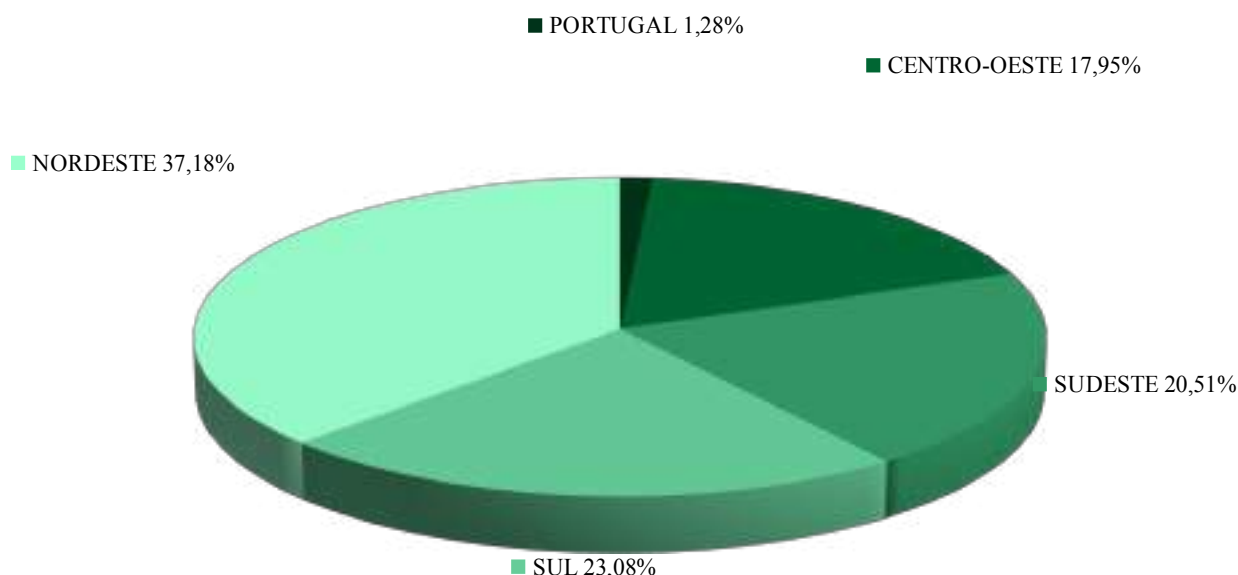
Quadro 3 – Periódico não registrado na Plataforma Sucupira

Periódico	Local	Ano
Revista Informação na Sociedade Contemporânea	Natal (RN)	2014

Fonte: A autora.

Foi realizada também a dispersão da produção científica por regiões do país, afim de verificar quais regiões manifestam maior interesse pela publicação de artigos relacionados à temática. Para elaboração do gráfico foi analisada a recorrência das cidades de onde foram realizadas as publicações, por meio verificação do periódico onde foi publicado o artigo e, para garantir a acurácia da informação, também foi feita averiguação do local de publicação no site dos periódicos.

Gráfico 3 – Dispersão por região



Fonte: Elaborado a partir de Lisa (2018) e Brapci (2018).

A partir da dispersão acima foi possível identificar que a região com maior índice de artigos é o nordeste do país, com 37,18% das publicações, o que equivale a 29 dos 78 artigos que compõem a amostragem dessa pesquisa. A principal cidade da região nordeste a publicar sobre o tema é João Pessoa (PB), que sozinha publicou 26 artigos sob a autoria de profissionais bibliotecários sobre a temática de Inteligência competitiva. Na segunda posição vemos a região sul, responsável por 23,08% das publicações, seguida do sudeste com pouco mais de 20% das publicações e centro-oeste que realizou 17,95% das publicações. Podemos observar que foi recuperado no levantamento bibliográfico 1 artigo publicado fora do país, na cidade do Porto, em Portugal. Como especificado na metodologia, a amostra da pesquisa se constitui a partir de artigos escritos em língua portuguesa, cuja autoria indique participação de bacharéis em Biblioteconomia que possuam vínculo acadêmico com o Brasil, não sendo exigido que essas publicações sejam realizadas estritamente em periódicos nacionais.

Com o objetivo de sintetizar e facilitar a visualização da representação temática dos artigos, foi elaborada uma nuvem de palavras, exposta na Figura 4, composta a partir dos termos extraídos das palavras-chave dos próprios artigos, possibilitando o mapeamento da

terminologia mais recorrente. Para elaboração da nuvem, foi utilizada a ferramenta *online WordCloud*.

Figura 4 – Nuvem de palavras-chave



Fonte: Elaborado a partir de Lisa (2018) e Brapci (2018).

Viu-se que os termos que mais obtiveram maior notoriedade foram – de acordo com a proporção da palavra na nuvem – “Inteligência”, “Informação”, “Competitiva”, “Gestão e” “Monitoramento”. Esses os termos mais recorrentes nas palavras-chave dos artigos e que também podem ser frequentemente verificadas no aporte teórico deste trabalho, uma vez que são termos basilares na área de Inteligência competitiva.

Cabe ressaltar que dos artigos que compõem a amostra, um não indicava palavras-chave e, portanto, não foi considerado na elaboração da nuvem de palavras-chave, a saber:

Quadro 4 – Publicação descartada da nuvem de palavras-chave

Autoria	Título	Periódico	Local	Ano
RODRIGUES, Ricardo Crisafulli,	Alexandre, “O Grande” e a informação para planejamento estratégico.	Informação & Sociedade,	João Pessoa (PB)	2007

Fonte: A autora.

Foi cogitada a possibilidade de atribuição dos termos a partir de leitura flutuante do artigo, mas para evitar possíveis direcionamentos na pesquisa optou-se por prescindir do artigo na feitura da nuvem.

Em resumo, todo este conjunto de informações estruturadas e apresentadas ao longo desta seção pressupõem que o (a) profissional bibliotecário (a) tem significativa participação na produção científica da área de Inteligência competitiva.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho tencionou apresentar uma revisão de literatura que tornasse possível responder qual o percurso, bem como o panorama atual, da produção do conhecimento científico desenvolvida na área de Inteligência competitiva, à luz do campo de estudos da Informação, por autores (as) que possuíssem bacharelado em Biblioteconomia. O anseio de propor uma resposta suficiente para solucionar tal problema se fundamenta a partir do desenvolvimento dos estudos pela Ciência da informação sobre a gestão da informação e do conhecimento, que evidenciam a necessidade de identificar e gerir de maneira dinâmica as informações circulantes em um determinado ambiente, sejam elas formais ou informais, ampliando o espaço de atuação do (a) bibliotecário (a).

A Inteligência competitiva, uma vez que se relaciona com o monitoramento e interpretação de fluxos informacionais, assenta diretamente suas bases nos modelos de gestão informacional estabelecidos pela Ciência da informação, em especial no que tange à Biblioteconomia. Desta forma, tornou-se compreensível que os (as) profissionais da área da informação manifestem interesse pelo desenvolvimento científico sobre a temática da Inteligência, bem como pela atuação direta em equipes de Inteligência competitiva.

A partir do levantamento bibliográfico realizado no presente trabalho foi possível observar que, logo que o tema se consolidou como matéria do conhecimento científico, os (as) profissionais bibliotecários (as) apresentaram contribuições para a literatura da área. Esse panorama se ampliou com o passar dos anos e manifestou significativo aumento especialmente na década atual, apontando para uma crescente aproximação dos (as) bibliotecários (as) com a área de Inteligência.

Do ponto de vista dos (as) futuros (as) profissionais que estão prestes a concluir a graduação em Biblioteconomia este panorama é motivador, uma vez que confirma a pluralidade de atuação conferida ao (a) bibliotecário (a), estando ao seu alcance se direcionar, acadêmica e profissionalmente, para variados campos que estabelecem relação direta ou indireta com a recuperação e o uso eficiente da informação. Contribui também, mais especificamente, para a visualização de um segmento que já possui significativa representatividade dos (as) bibliotecários (as), mas que se mostra ainda mais receptivo para as contribuições oriundas da Ciência da informação e demanda por bibliotecários não só como pesquisadores, mas também como profissionais que atuem diretamente nas equipes de Inteligência.

Além dos apontamentos desenvolvidos a partir da análise de dados, é possível ainda indicar importantes contribuições que resultariam da ampliação da pesquisa já apresentada. Foi percebida ao longo do desenvolvimento da análise das autorias a recorrente parceria entre alguns autores dos artigos, o que torna interessante a elaboração de uma rede coautorias que examine e estruture as relações de autoria e coautoria nos artigos que compõem a amostra.

A perspectiva de continuidade desse trabalho apresenta ainda a possibilidade de desenvolver estudos que afirmem o perfil acadêmico dos (as) pesquisadores (as) bibliotecários (as) que atuam no desenvolvimento da literatura da área, verificando também quais cursos de graduação em Biblioteconomia no país já ofertam à comunidade discente disciplinas relacionadas com a Inteligência competitiva, encarando a informação a partir do seu caráter estratégico. Seria importante também ampliar a amostra da própria pesquisa, incluindo publicações em língua estrangeira, o que possibilitaria maior cobertura das publicações em periódicos internacionais empreendidas por bibliotecários (as) brasileiros (as). As ampliações indicadas visam a elaboração de um artigo científico, com o fim de submetê-lo à publicação em periódicos que demonstrem interesse pela temática.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, R. M.; BRITO, A. G. C.; ROCHA, K. G. S.; QUONIAM, L. M. FARIA, L. I. L. Panorama da inteligência competitiva no Brasil: os pesquisadores e a produção científica na plataforma Lattes. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.21, n.4, p.97-120, out./dez. 2016
- AMARAL, R. M.; GARCIA, L. G.; ALLIPRANDINI, D. H. Mapeamento e gestão de competências em inteligência competitiva. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 6, dez. 2008.
- ANDRADE, D. F. A construção da identidade do licenciado em biblioteconomia: análise sobre a formação, atuação e desafios. **REBECIN**, v.3, n.1, p.81-104, jan./jun. 2016.
- ARRUDA, M. C. C.; MARTELETO, R. M.; SOUZA, D. B. Educação, trabalho e o delineamento de novos perfis profissionais: o bibliotecário em questão. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 29, n. 3, p. 14-24, set./dez. 2000.
- BRAPCI. **Sobre a Brapci**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/res/about>>. Acesso em: 01 nov. 2018.
- BAPTISTA, S. G.; MUELLER, S. P. M. (Org.). **Profissional da informação: o espaço de trabalho**. Brasília, DF: Thesaurus, 2004.
- BORGES, M. A. G. O profissional da informação: somatório de formações, competências e habilidades. In: BAPTISTA, S. G.; MUELLER, S. P. M. (Org.). **Profissional da informação: o espaço de trabalho**. Brasília, DF: Thesaurus, 2004. p. 55-69.
- BRASIL. Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Classificação da produção intelectual**. Brasília, DF, 2016a. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/classificacao-da-producao-intelectual>>. Acesso em: 21 nov. 2018.
- BRASIL. Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962: dispõe sobre a profissão do bibliotecário e regula seu exercício. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 2 jul. 1962.
- _____. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações: CBO**. Brasília, DF, 2010.
- _____. **Plataforma Sucupira**. Brasília, DF, 2016b. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/index.xhtml>>. Acesso em: 22 nov. 2018.
- CAVALCANTI, M.; GOMES, E.; PEREIRA, A. **Gestão de empresas na sociedade do conhecimento: um roteiro para a ação**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- CNPq. **Buscar Currículo Lattes (Busca Simples)**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://goo.gl/oqTH>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

CHESTERTON, G. K. Introduction. In: MACDONALD, G. M. **George MacDonald and his wife**. New York: L. MacVeagh, 1924. p. 9-15.

CUNHA, M. V.; CRIVELLARI, H. M. T. O mundo do trabalho na sociedade do conhecimento e os paradoxos das profissões da informação. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Atuação profissional na área de informação**. São Paulo: Polis, 2004. p. 39-54.

FERREIRA, E. G. A.; ARAÚJO, C. A. A. A biblioteca contemporânea a partir da concepção dos bibliotecários e professores de biblioteconomia. **Biblionline**, João Pessoa, v. 12, n. 3, p. 61-78, jul./ set., 2016

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

_____. **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, E.; BRAGA, F. **Inteligência competitiva**: como transformar informação em um negócio lucrativo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

_____. Inteligência competitiva no Brasil: uma realidade corporativa. **Puzzle**: Revista Hispanica de la Inteligencia Competitiva, Barcelona, v. 6, n. 23, p. 5-10, ago./out. 2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LANA, R. A. Inteligência competitiva: fator-chave para o sucesso das organizações no novo milênio. **Revista Inteligência Competitiva**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 305-327, out./dez. 2011.

LOUREIRO, M. F.; JANNUZZI, P. M. Profissional da informação: um conceito em construção. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 123-151, maio/ago. 2005.

LUCAS, A.; CAFÉ, L. M. A.; VIEIRA, A. F. G. Inteligência de negócios e inteligência competitiva na ciência da informação brasileira: contribuições para uma análise terminológica. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 168-187, abr./jun. 2016.

MARCO, F. J. G. Bases epistemológicas del ejercicio profesional. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Atuação profissional na área de informação**. São Paulo: Polis, 2004. p. 9-38.

MCINERNEY, C. R. Compartilhamento e gestão do conhecimento: profissionais da informação em um ambiente de confiança mútua. In: TARAPANOFF, K. (Org.). **Inteligência, informação e conhecimento**. Brasília, DF: IBICT, UNESCO, 2006. p. 57-72.

MUELLER, S. P. M. Uma proposta em evolução: profissionais da informação no Brasil sob a ótica de Abbott – proposta de estudo. In: BAPTISTA, S. G.; MUELLER, S. P. M. (Org.). **Profissional da informação**: o espaço de trabalho. Brasília, DF: Thesaurus, 2004., p. 23-54.

_____. Reflexões sobre a formação profissional para biblioteconomia e sua relação com as demais profissões da informação. **Transinformação**. [S.l.], v. 1, n. 2, p. 175-185, maio/ago. 1989

PAIVA, A. H. V.; CUNHA, J. A.; MARTINS, J. S.; SILVA, J. D. O.; SANTOS, R. M. Biblioteconomia: aspectos da formação bibliotecária no contexto brasileiro. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, Natal, v. 1, n. 2, p. 1-19, jan./jun. 2017.

PEREIRA, E. A. J.; CUNHA, M. V. Reflexões sobre as profissões. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 12, n. 24, p. 44-58, 2007.

PEREIRA, F. C. M.; CARVALHO, R. B.; JORDÃO, R. V. D. Análise do ciclo da inteligência competitiva em arranjos produtivos locais: estruturação e implantação do bureau de inteligência do apl de software de Belo Horizonte. **Revista Inteligência Competitiva**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 139-164, jan./mar. 2016.

PIZARRO, D. C.; DAVOK, D. F. O papel do bibliotecário na gestão da informação empresarial: uma pesquisa bibliográfica em periódicos nacionais de biblioteconomia e ciência da informação. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 37-58, jan./jun. 2008.

PIZZOL, L.; TODESCO, J. L.; TODESCO, B. P. R. Como a web de dados pode apoiar o processo de inteligência competitiva. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 6, Número Especial, p. 87-102, jan. 2016.

PROQUEST. **Library and Information Science Abstracts**. [Website]. [S.l.], [201-]. Disponível em: <<http://www.proquest.com/products-services/lisa-set-c.html>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

PROXY. **Início**. Rio de Janeiro: TIC UFRJ, [201-]. Disponível em: <<http://proxy.ufrj.br/>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

QUEYRAS, J.; QUONIAM, L. M. Inteligência competitiva. In: TARAPANOFF, K. (Org.). **Inteligência, informação e conhecimento**. Brasília, DF: IBICT, UNESCO, 2006. p. 73-97.

RESENDE, D. A. Sistemas de conhecimento e as relações com a gestão do conhecimento e com a inteligência organizacional nas empresas privadas e nas organizações públicas. In: TARAPANOFF, K. (Org.). **Inteligência, informação e conhecimento**. Brasília, DF: IBICT, UNESCO, 2006. p. 257-276.

R. DAVID LANKES. **Vamos pensar juntos uma nova biblioteconomia**. [Website]. [S.l.], [2015]. Disponível em: <<https://davidlankes.org/new-librarianship/expect-more-demanding-better-libraries-for-todays-complex-world/1-the-arab-spring-expect-the-exceptional/>>. Acesso em: 15 set. 2018.

SALCEDO, D. A.; SILVA, J. R. P. A disseminação da informação: o papel do bibliotecário-mediador. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 23-30, dez./mar., 2017.

SANTOS, J. P.; NEVES, I. C. B.; JOB, I. A estrutura da carreira em biblioteconomia: contribuição à Classificação Brasileira de Ocupações. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 41-61, jan./jun. 2004.

SANTOS, P. R.; MESQUITA, J. M. C.; NEVES, J. T. R.; BASTOS, A. M. Inserção no mercado de trabalho e a empregabilidade de bacharéis em Biblioteconomia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 14-32, abr./jun. 2016.

SANTOS, V. C. B.; SANTOS, C. A.; BELLUZZO, R. C. B. Competência em informação em articulação com a inteligência competitiva no apoio ao alinhamento estratégico das informações nas organizações. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 6, Número Especial, p. 45-60, jan. 2016.

SILVA, E. M. R. RAMOS, F. M. BATISTA, J. C. L. Desafios no desenvolvimento de competências comunicacionais nos cursos de licenciatura das universidades do Nordeste brasileiro. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.45, n.2, p.26-40, maio/ago. 2016

SILVA, J. F. M. O impacto tecnológico no exercício profissional em ciência da informação: o bibliotecário. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Atuação profissional na área de informação**. São Paulo: Polis, 2004. p. 83-96.

SMIT, J. W.; BARRETO, A. A. Ciência da Informação: base conceitual para a formação do profissional. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Formação do profissional bibliotecário**. São Paulo: Polis, 2002. p. 9-23.

TARAPANOFF, K. Informação, conhecimento e inteligência em corporações: relações e complementariedade. In: TARAPANOFF, K. (Org.). **Inteligência, informação e conhecimento**. Brasília, DF: IBICT, UNESCO, 2006. p. 19-35.

_____. **Inteligência, informação e conhecimento**. Brasília, DF: IBICT, UNESCO, 2006.

TARGINO, M. G. Quem é o profissional da informação? **Transinformação**, Campinas, v. 12, n. 2, p. 61-69, jul./dez. 2000.

TEIXEIRA, R. C.; SOUZA, C. Evolução da inteligência competitiva com base em estudo métrico de sua literatura. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 170-185, jan./mar. 2017.

TEIXEIRA, T. M. C.; VALENTIM, M. L. P. Inteligência competitiva organizacional: um estudo teórico. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 6, Número Especial, p. 3-15, jan. 2016.

TOMAÉL, M. I.; ALVARENGA, G. M. Profissional da informação: seu espaço e atuação em empresas industriais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 81-90, jan./jun. 2000.

UNIRIO. Escola de Biblioteconomia. **Projeto político pedagógico do Curso de Licenciatura em Biblioteconomia**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www2.unirio.br/unirio/cchs/eb/ProjetoPedagogicodoCursoDeLicenciaturaemBiblioteconomia.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2018.

VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Atuação profissional na área de informação**. São Paulo: Polis, 2004.

VALENTIM, M. L. P. Inteligência competitiva em organizações: dado, informação e conhecimento. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 1-13, ago. 2002.

APÊNDICE A – ARTIGOS QUE COMPÕEM A AMOSTRA

Base de Dados	Autoria	Título	Periódico/Estado	Ano	Palavras-chave	Qualis
LISA	COSTA, Marília Damiani; SILVA, Iranise Alves da.	Inteligência competitiva: uma abordagem sobre a coleta de informações publicadas.	Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa	1999	Inteligência Competitiva. Fontes de Informação.	-
	VALENTIM, Marta Lígia Pomim; GELINSKI, João Vítor Vieira.	Gestão do conhecimento como parte do processo de inteligência competitiva organizacional	Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa	2005	Gestão do Conhecimento. Inteligência Competitiva. Cultura Organizacional. Construção de Conhecimento.	-
	RODRIGUES, Ricardo Crisafulli.	Alexandre, “O Grande” e a informação para o planejamento estratégico.	Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa	2007	SEM ESPECIFICAÇÃO	-
	VIDIGAL, Frederico; NASSIF, Mônica Erichsen.	Inteligência competitiva: metodologias aplicadas em empresas brasileiras.	Informação & Informação, Londrina	2012	Inteligência Competitiva. Inteligência de Mercado. Fontes de Informação. Produtos de Informação. Monitoração Ambiental.	B1
	VENTURA, Rita de Cássia Martins de Oliveira; NASSIF, Mônica Erichsen.	Gestão de pessoas e suas relações com o compartilhamento da informação no contexto organizacional.	Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa	2016	Gestão de Pessoas. Informação. Compartilhamento da Informação. Cooperativa de Crédito.	A1
	PEPULIM, Maria Elizabeth Horn; FIALHO, Francisco Antonio Pereira; VARVÁKIS,	Barreiras culturais à efetivação da gestão do conhecimento nas organizações públicas: relato de	Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa	2017	Barreira Culturais. Cultura. Organizacional. Diversidade Cultural. Gestão do Conhecimento.	A1

	Gregório.	pesquisa.			Organização Pública.	
	PÉREZ, Lisandra Guerrero; NASSIF, Mônica Erichsen.	Fatores de influência na avaliação dos observatórios sociais do Brasil sob a perspectiva da gestão de informação.	Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa	2017	Observatórios sociais. Sistemas de vigilância informacional. Avaliação. Gestão de informação.	A1
	ROSSI, Tatiana; PINTO, Marli Dias de Souza; RIPOLL, Leonardo; GUIMARÃES, Fernanda; BEM, Roberta Moraes de.	Pessoas, cultura e estrutura organizacional.	Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa	2017	Gestão do conhecimento. Biblioteca universitária. Framework GC @ BU. Gestão de pessoas. Cultura organizacional.	A1
	JORGE, Carlos Francisco Bitencourt; VALENTIM, Marta Lúcia Pomim.	A importância do desenvolvimento da competência em informação no contexto de clubes de futebol.	Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa	2017	Competência em Informação. Gestão da Informação. Informação Esportiva. Ambientes Esportivos. Clubes de Futebol.	A1
BRAPCI	VIEIRA, Anna da Soledade.	Conhecimento como recurso estratégico Empresarial.	Ciência da Informação, Brasília	1993	Recursos informacionais, Inteligência competitiva.	-
	VIEIRA, Anna da Soledade	Monitoração da competitividade científica e tecnológica dos estados brasileiros. Um instrumento de macropolítica de informação	Ciência da Informação, Brasília	1999	Monitoração em ciência e tecnologia/indicadores de competitividade.	-
	BATTAGLIA, Maria da Glória Botelho.	A Inteligência Competitiva modelando o Sistema de Informação de Clientes – Finep.	Ciência da Informação, Brasília	1999	Financiadora de Estudos e Projetos (Finep). Sistema de Informação. Sistema de Informação de Clientes. Inteligência	-

					Competitiva. Clientes-Finep.	
	COSTA, Marília Damiani; SILVA, Iranise Alves da.	Inteligência competitiva: uma abordagem sobre a coleta de informações publicadas.	Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa	1999	Inteligência Competitiva. Fontes de Informação.	-
	ARAÚJO JUNIOR, Rogério Henrique de; CORMIER, Patricia Marie Jeanne.	Inteligência em marketing: o marketing de permissão como ferramenta para a fidelização de clientes.	Revista Biblioteconomia, Brasília.	1999	Inteligência em marketing. Marketing de permissão. Inteligência competitiva. Cliente. Fidelização de clientes. Inteligência organizacional.	-
	TARAPANOFF, Kira.; ARAÚJO JUNIOR, Rogério Henrique de; CORMIER, Patricia Marie Jeanne.	Sociedade da informação e inteligência em unidades de informação.	Ciência da Informação, Brasília.	2000	Sociedade da informação. Inteligência competitiva. Sistema de inteligência competitiva. Monitoramento de informações. Data minig; Data warehousing. Redes neurais.	-
	SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos; BERAQUET, Vera Silva Marão.	Informação estratégica e empresa: o discurso à prova dos fatos.	DataGrama Zero - Revista de Ciência da Informação, Paraíba	2001	Informação estratégica. Rentabilização do conhecimento. Inteligência competitiva. Informação de patente. Usuário da informação. Profissional de informação.	-
	CANONGIA, Claudia; LAMB, Celina; CARVALHO, Cátia Silene de; SILVA, Valdenis	Convergência da Inteligência Competitiva com Construção de Visão de Futuro: proposta	DataGrama Zero - Revista de Ciência da Informação, Paraíba	2001	Inteligência competitiva, gestão do conhecimento, visão de futuro, monitoramento ambiental, cenários,	-

	Souza e.	metodológica de Sistema de Informação Estratégica (SIE).			metodologia de sistema de informação estratégica.	
	REZENDE, Yara.	Informação para negócios: os novos agentes do conhecimento e a gestão do capital intelectual.	Ciência da Informação, Brasília	2002	Gestão do conhecimento. Capital intelectual; Informação para negócios. Sistemas de informação para negócios. Agentes do conhecimento.	-
	CANONGIA, Claudia; PEREIRA, Maria de Nazaré; ANTUNES, Adelaide.	Gestão da informação e monitoramento tecnológico: o mercado dos futuros genéricos	Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte.	2002	Gestão da informação em patentes. Setor químico-farmacêutico. Monitoramento e prospecção tecnológica. Inteligência competitiva. Medicamentos genéricos.	-
	VALENTIM, Marta Lúcia Pomim.	Inteligência competitiva em organizações: dado, informação e conhecimento.	DataGrama Zero - Revista de Ciência da Informação, Paraíba	2002	Inteligência Competitiva. Gestão do Conhecimento. Gestão da Informação. Fluxos Informacionais. Transferência da Informação	-
	SILVA, Helena Pereira da.	Inteligência competitiva na Internet: um processo otimizado por agentes inteligentes.	Ciência da Informação, Brasília	2003	Inteligência competitiva; Internet; Monitoramento de fontes de informação; Agentes inteligentes.	-
	VALENTIM, Marta Lúcia Pomim; CERVANTES, Brígida Maria Nogueira; CARVALHO, Elizabeth Leão	O processo de inteligência competitiva em organizações.	DataGrama Zero - Revista de Ciência da Informação, Paraíba	2003	Inteligência Competitiva. Gestão do Conhecimento. Gestão da Informação. Cultura Organizacional. Prospecção Informacional.	-

	de; GARCIA, Heliéte Dominguez; LENZI, Livia Aparecida Ferreira; CATARINO, Maria Elisabete; TOMAÉL, Maria Inês; COSTA, Clarissa Gonçalves da; SANTOS, Juliana Cardoso dos; MOLINA, Letícia Gorri; WOIDA, Luana Maia; CURTY, Renata Gonçalves				Monitoramento Informacional. Inovação. Tecnologias de Informação. Linguagem e Termos. Profissional da Informação.	
	VALENTIM, Marta Lúcia Pomim; MOLINA, Letícia Gorri.	Prospecção e monitoramento informacional no processo de inteligência competitiva.	Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis	2004	Prospecção Informacional. Monitoramento Informacional. Inteligência Competitiva.	-
	TARAPANOFF, Kira.	Inteligência social e inteligência competitiva.	Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis	2004	Inteligência social. Inteligência coletiva. Inteligência econômica. Inteligência organizacional. Inteligência competitiva. Gestão da informação. Gestão do conhecimento. Inteligência institucional	-
	CANONGIA, Claudia; PEREIRA, Maria	Mapeamento de inteligência competitiva (IC) e	Encontros Bibli: revista	2004	Inteligência competitiva. Gestão do conhecimento.	-

	de Nazaré; ANTUNES, Adelaide.	de gestão do conhecimento (GC) no setor saúde.	eletrônica de bibliotecon omia e ciência da informação, Florianópolis		Gestão da inovação. Setor Saúde. ISI Web of Science.	
	VALENTIM, Marta Lígia Pomim; WOIDA, Luana Maia.	Cultura Organizacional no Processo de Inteligência Competitiva.	DataGrama Zero - Revista de Ciência da Informação, Paraíba	2004	Cultura Organizacional. Cultura Informacional. Inteligência Competitiva. Cultura Corporativa.	-
	VALENTIM, Marta Lígia Pomim; GELINSKI, João Vitor Vieira.	Gestão do conhecimento como parte do processo de inteligência competitiva organizacional.	Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa	2005	Gestão do Conhecimento. Inteligência Competitiva. Cultura Organizacional. Construção de Conhecimento.	-
	CANONGIA, Claudia; PEREIRA, Maria de Nazaré; ANTUNES, Adelaide.	Modelo de estratégia de prospecção de setores intensivos em P&D: sinergias entre Inteligência Competitiva (IC), Gestão do Conhecimento (GC), e Foresight (F).	DataGrama Zero - Revista de Ciência da Informação, Paraíba	2006	Modelo de Estratégia de Prospecção. Inteligência Competitiva. Gestão do Conhecimento. Foresight. Setores intensivos em P&D.	-
	KLEINUBING, Luíza da Silva; BEM, Roberta Moraes de.	A participação do bibliotecário na criação de sistemas de inteligência competitiva: proposta para o departamento de patrimônio imobiliário e meio ambiente da Eletrosul.	Revista ACB: Bibliotecon omia em Santa Catarina, Florianópolis.	2007	Gestão da informação. Eletrosul; Inteligência Competitiva.	-
	MORENO, Nádina Aparecida.	A informação arquivística e o processo de	Informação & Sociedade:	2007	Informação arquivística. Tomada de decisão.	-

		tomada de decisão.	Estudos, João Pessoa		Inteligência competitiva. Informação estratégica	
	AMARAL, Roniberto Morato; GARCIA, Leonardo Guimarães; ALIPRANDINI, Dário Henrique.	Mapeamento e gestão de competências em inteligência competitiva.	DataGrama Zero - Revista de Ciência da Informação, Paraíba	2008	Mapeamento de competências. Inteligência competitiva. Gestão de pessoas por competências. Unidade de inteligência. Equipe de inteligência competitiva. Competência.	-
	NASSIF, Mônica Erichsen; RIBEIRO, Cristiana Elisa; CAIXETA, Mário Lúcio.	Inteligência competitiva: o relato de dois casos brasileiros.	Informação & Informação, Londrina	2008	Inteligência competitiva. Inteligência estratégica. Monitoramento externo.	-
	AMARAL, Roniberto Morato; GARCIA, Leonardo Guimarães; FARIA, Leandro Innocentini Lopes de; ALIPRANDINI, Dário Henrique.	Modelo para o mapeamento de competências em equipes de inteligência competitiva.	Ciência da Informação, Brasília	2008	Mapeamento de competências. Inteligência competitiva. Gestão de pessoas por competências. Unidade de inteligência. Equipe de inteligência competitiva. Competência.	-
	NASSIF, Mônica Erichsen; SANTOS, Ester Laodicea.	O profissional da informação em atividades de inteligência competitiva.	Informação & Informação, Londrina	2009	Inteligência competitiva. Profissional da informação. Profissional de inteligência competitiva.	-
	PINTO, Maria Carolina; ARAÚJO, Paula Carina de.	Atuação do bibliotecário como profissional de inteligência competitiva.	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis	2009	Bibliotecário. Inteligência competitiva. Monitoramento de mídia.	-

	SANTOS, Ester Laodicea; NASSIF, Mônica Erichsen.	Os profissionais de inteligência competitiva no Brasil: habilidades, competências e demandas do mercado.	Prisma.com , Porto.	2011	Inteligência competitiva. Ciclo de Keywords: inteligência competitiva. Habilidade e Competência. Profissional de Inteligência Competitiva.	B5
	AMARAL, Roniberto Morato; FARIA, Leandro Innocentini Lopes de; OPRIME, Pedro Carlos; GREGOLIN, José Ângelo R.; ALIPRANDINI, Dário Henrique.	Perfis de competências relativas à inteligência competitiva: um estudo exploratório no Brasil.	Ciência da Informação, Brasília	2011	Inteligência competitiva. Gestão de pessoas por competências. Unidade de inteligência. Equipe de inteligência competitiva. Competência.	B1
	LEITÃO, Pedro Cláudio Coutinho; NASSIF, Mônica Erichsen.	Uso da informação sobre a concorrência e tomada de decisão: estudo e análise das características do processo de sensemaking organizacional.	Perspectivas em Gestão & Conhecimento, João Pessoa	2012	Sensemaking Organizacional . Inteligência Competitiva. Processo Decisório.	B1
	VIDIGAL, Frederico; NASSIF, Mônica Erichsen.	Inteligência competitiva: metodologias aplicadas em empresas brasileiras.	Informação & Informação, Londrina	2012	Inteligência Competitiva. Inteligência de Mercado. Fontes de Informação. Produtos de Informação. Monitoração Ambiental.	B1
	AZEVEDO, Alexander Willian.	Metodologia de identificação de fontes de coleta de informação: uma proposta de modelo para cadeia produtiva de couro, calçados	Perspectivas em Gestão & Conhecimento, João Pessoa	2012	Fonte de Informação. Cadeia Produtiva. Coleta de Informação. Couro e Calçados. Bibliografia especializada.	B1

		e artefatos.				
	SOUSA, Beatriz Alves de; SANTOS, Edilene Toscano Galdino dos.	Contribuição dos bibliotecários e cientistas da informação no processo de geração de inteligência competitiva nas organizações.	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis	2012	Informação. Inteligência competitiva. Tomada de decisão.	B2
	AMARAL, Roniberto Morato; FARIA, Leandro Innocentini Lopes de; OPRIME, Pedro Carlos; ALIPRANDINI, Dário Henrique.	Perfil do profissional em inteligência competitiva: um estudo exploratório no Brasil.	Ciência da Informação, Brasília	2012	Inteligência competitiva. Equipe de inteligência competitiva. Perfil profissional.	B1
	ARAÚJO JUNIOR, Rogério Henrique de; PERUCCHI, Valmira.	Produção científica sobre inteligência competitiva da Faculdade de Ciências da Informação da Universidade de Brasília.	Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte.	2012	Inteligência competitiva. Produção Científica. Faculdade de Ciência da Informação. Universidade de Brasília.	A1
	NASCIMENTO, Bruna Laís Campos do	Aplicabilidade das redes sociais para o processo de geração de inteligência competitiva.	Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, Minas Gerais	2013	Redes Sociais. Inteligência Competitiva. Informação para Organizações.	B5
	ARAÚJO JUNIOR, Rogério Henrique de; PERUCCHI, Valmira; LOPES, Paulo Roberto Danelon.	Análise bibliométrica dos temas inteligência competitiva, gestão do conhecimento e conhecimento organizacional no repositório institucional da Universidade de Brasília.	Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte.	2013	Bibliometria; Inteligência competitiva; Gestão do conhecimento. Conhecimento organizacional. Repositório Institucional da UnB.	A1

	CORSATTO, Cassia Aparecida; HOFFMANN, Wanda Aparecida Machado,	Gestão do Conhecimento e Inteligência competitiva: delineamento de estratégias de competitividade e inovação para pequenas empresas.	Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis	2013	Gestão do Conhecimento. Inteligência Competitiva. Inovação. Pequenas empresas.	A2
	PEREIRA, Edinete do Nascimento; HOTÊNCIO, Gabriela de Oliveira; NASCIMENTO, Karla Patrícia Dantas do; SILVA, Eliane Ferreira da.	Inteligência competitiva: o tratamento dos dados, informação e conhecimento às unidades de informação.	Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, Minas Gerais	2013	Inteligência Competitiva. Tecnologias da Informação. Unidades de Informação. Bases da Inteligência Competitiva.	B5
	BARRANCOS, Jacqueline Echeverría; DUARTE, Emeide Nóbrega.	Inteligência Competitiva e as Práticas de Gestão do Conhecimento no Contexto da Administração e da Ciência da Informação: revelações da produção científica.	Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis	2013	Inteligência competitiva. Gestão do conhecimento. Administração. Ciência da Informação. Produção Científica.	A2
	TARAPANOFF, Kira; ALVARES, Lillian.	Inteligência Organizacional e Competitiva e a Web 2.0.	Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis	2013	Web 2.0. Organização 2.0. Estratégias organizacionais.	A2
	VALENTIM, Marta Lígia Pomim; SOUZA, Juliete Susann	Fluxos de informação que subsidiam o processo de	Encontros Bibli: revista eletrônica	2013	Fluxos de Informação. Gestão da Informação. Gestão do	A2

	Ferreira de.	inteligência competitiva.	de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis		Conhecimento. Processo Decisório. Inteligência Competitiva. Ambientes de Informação.	
	TEIXEIRA, Renata Cristina; SOUZA, Renato Rocha.	O uso das informações contidas em documentos de patentes nas práticas de Inteligência Competitiva:apresentação de um estudo das patentes da UFMG.	Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte.	2013	Inteligência competitiva. Informação tecnológica. Propriedade industrial. Patentes.	A1
	TOMIMORI, Sonia Maria Akiko Wada.	A inteligência competitiva e a área de informação tecnológica no Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo S.A.	Ciência da Informação, Brasília	2013	Informação tecnológica. Atuação do profissional da informação. O profissional como agente de mudanças. Cultura da organização.	B1
	JESUS, Jaqueline Rodrigues de; RUFINO, Fernanda Maciel; SILVA, Márcio Bezerra da.	Análise de websites de bibliotecas sob a ótica Da web 2.0 e acessibilidade.	Revista Informação na Sociedade Contemporânea, Natal	2014	Biblioteca. Web 2.0. Grupos virtuais. Rede interativa. Rede colaborativa.	-
	SILVA, Marco Donizete Paulino da; GRACIOSO, Luciana de Souza; BIANCO, Emilena Josimari Lorenzon.	Descrição da experiência de estruturação do componente lista terminologia no sistema infosic do setor de couro e calçados.	Biblionline, João Pessoa.	2014	Sistema de Organização de Informação. Lista Terminológica. Sistema de Inteligência Competitiva.	B5
	ARAÚJO, Paula Carina de; CASTILHO JUNIOR, Newton Corrêa de.	Contribuições da gestão da informação para o subprocesso de coleta do processo de inteligência competitiva.	Perspectivas em Gestão & Conhecimento, João Pessoa	2014	Coleta de Informação. Gestão da informação. Inteligência competitiva.	B1

	CISNE, Caroline Santos de; KANEOYA, Paula Hidemi; SANTOS, Luana Carla Moura dos.	Compartilhamento e registro de conhecimento: um estudo de caso na empresa Knowtec.	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis	2015	Compartilhamento de conhecimento. organizacional. Gestão do conhecimento. Knowtec.	B2
	ALMEIDA, Arielle Lopes de; MARICATO, João de Melo.	Prospecção de cenários e monitoramento informacional como ferramentas de inteligência competitiva para o planejamento de políticas públicas no estado de Goiás.	Informação & Informação, Londrina.	2015	Inteligência estratégica. Planejamento Governamental. Estado de Goiás. Ambiente informacional. Prospecção de cenários. Monitoramento informacional.	A2
	JORGE, Carlos Francisco Bitencourt; VALENTIM, Marta Lígia Pomim.	Informação e esporte: a informação esportiva e sua relação com clubes de Futebol.	Informação & Informação, Londrina	2015	Informação esportiva. Diferenciais competitivos. Inteligência competitiva. Clubes de futebol.	A2
	KROEFF, Marcia Silveira; GIMENEZ, Fernanda Schmidt; VIEIRA, Rodrigo; PINTO, Adilson Luiz.	Análise de citações dos artigos publicados em periódicos da área da Ciência da Informação que versam sobre gestão da informação.	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo.	2015	Bibliometria. Gestão da informação. Análise de citações.	B1
	TARGINO, Maria das Graças; CAMBOIM, Luzia Góes; GARCIA, Joana Coeli Ribeiro.	Gestão estratégica da informação como temática na ciência da informação.	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo.	2015	Gestão Estratégica da Informação. Gestão da Informação. Ciência da Informação.	B5
	OLIVEIRA, Vanessa Batista de; ALENTEJO, Eduardo da Silva.	Infográficos como recurso na disseminação de informações estratégicas: a	Folha de Rosto: Revista de Biblioteconomia e	2015	Infográficos. Disseminação de informação Estratégica. Sebrae Inteligência	B5

		experiência do programa Sebrae Inteligência Setorial.	Ciência da Informação, Ceará		Setorial.	
	TEIXEIRA, Thiciane Mary Carvalho; VALENTIM, Marta Lígia Pomim.	Inteligência competitiva organizacional: um estudo teórico.	Perspectivas em Gestão & Conhecimento, João Pessoa	2016	Inteligência Competitiva Organizacional. Prospecção. Monitoramento. Gestão da Informação e do Conhecimento. Tecnologias de Informação e Comunicação.	B1
	SOUZA, Cleiton da Mota de; BARBALHO, Célia Regina Simonetti; PEREIRA, Sammy Aquino; FREITAS, Simone Santos de; MARQUES, Andrielle de Aquino; YANAI, Angela Emi.	Concepção e implantação do núcleo de informação biotecnológica do centro de biotecnologia da Amazônia.	Perspectivas em Gestão & Conhecimento, João Pessoa	2016	Gestão da Informação. Gestão do Conhecimento. Inteligência Competitiva. Centro de Biotecnologia da Amazônia. Núcleo de Informação Biotecnológica.	B1
	SILVA, Elaine da; BASSETTO, Clemilton Luis; OTTONICAR, Selma Letícia Capinzaiki; YAFUSHI, Cristiana Aparecida Portero.	O processo de inteligência competitiva e sua relação com indicadores de inovação e competência em informação.	Perspectivas em Gestão & Conhecimento, João Pessoa	2016	Competência em Informação. Indicadores de Inovação. Inteligência Competitiva.	B1
	SANTOS, Juliana Cardoso dos.	Atuação do profissional da informação no processo de inteligência competitiva organizacional.	Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação, Marília	2016	Profissional da Informação. Bibliotecário. Competências. Habilidades. Inteligência Competitiva Organizacional.	B5
	NASCIMENTO, Natália Marinho	O estudo das gerações e a	Perspectivas em Gestão	2016	Ambientes Organizacionais.	B1

	do; SANTOS, Juliana Cardoso dos; VALENTIM, Marta Lúcia Pomim; CABERO, María Manuela Moro.	inteligência competitiva em ambientes organizacionais.	& Conhecimento, João Pessoa		Estudos de Gerações. Inteligência Organizacional.	
	LUCAS, Alexandre. CAFÉ, Lígia Maria Arruda. VIEIRA, Angel Freddy Godoy.	Inteligência de negócios e inteligência competitiva na ciência da informação brasileira: contribuições para uma análise terminológica.	Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte	2016	Inteligência de Negócios. Inteligência Competitiva. Análise terminológica.	A1
	SANTOS, Luana Carla Moura dos; MARTINS, Ana Paula Aparecida Barros; KANEOKA, Paula Hidemi.	O desenvolvimento de taxonomias de setores mercadológicos para o uso na inteligência competitiva.	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis	2016	Taxonomia. Inteligência Competitiva. Organização da Informação e do Conhecimento.	B2
	SILVA, Marcelo Costa da; CASIMIRO, Adelaide Helena Targino; DUARTE, Emeide Nóbrega.	Caracterização dos grupos de pesquisa em inteligência organizacional competitiva.	Biblionline, João Pessoa	2016	Inteligência Organizacional. Inteligência Competitiva. Grupos de pesquisa no Brasil.	B5
	FINAMOR, Márcio da Silva; PAULA, Claudio Paixão Anastácio de.	Bibliotecário e arquivista: contribuições estratégicas nas organizações.	Informação @Profissões, Londrina	2016	Bibliotecário. Arquivista. Atuação. Estratégia. Organização.	B5
	SANTOS, Vanessa Cristina Bissoli dos; SANTOS, Camila Araújo dos; BELLUZZO, Regina Célia Baptista.	A competência em informação em articulação com a inteligência competitiva no apoio ao alinhamento estratégico das informações nas organizações.	Perspectivas em Gestão & Conhecimento, João Pessoa	2016	Competência em Informação. Inteligência Competitiva. Alinhamento Estratégico das Informações.	B1

	AMARAL, Roniberto Morato; BRITO, Aline Grasielle Cardoso; ROCHA, karin Gomes da Silva; QUONIAM, Luc Marie; FARIA, Leandro Innocentini Lopes de.	Panorama da inteligência competitiva no Brasil: os pesquisadores e a produção científica na plataforma Lattes.	Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte	2016	Inteligência competitiva. Pesquisador em IC. Plataforma Lattes. Produção científica.	A1
	BELLUZZO, Regina Célia Baptista.	O estado da arte da competência em informação (CoInfo) no Brasil: das reflexões iniciais à apresentação e descrição de indicadores de análise.	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo	2017	Competência em Informação. Indicadores.	B1
	LOPES, Paulo Roberto Danelon; ARAÚJO JUNIOR, Rogério Henrique de; PERUCCHI, Valmira.	Análise bibliométrica dos grupos de pesquisa em inteligência competitiva no brasil.	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo	2017	Bibliometria. Inteligência competitiva. Grupo de Pesquisa em Inteligência Competitiva do CNPq.	B1
	TEIXEIRA, Renata Cristina; SOUZA, Cristina	Evolução da inteligência competitiva com base em estudo métrico de sua literatura.	Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte	2017	Inteligência competitiva. Estudo métrico. Cientometria. Bibliometria.	A1
	CARVALHAL, Karla Lustosa de Mello; ARAÚJO JUNIOR, Rogério Henrique.	A atividade de produção de informações estratégicas: o caso da gestão comercial das empresas de mídia impressa em Brasília.	RICI: Revista Ibero-americana de Ciência Informação, Brasília	2017	Gestão da informação. Inteligência competitiva. Planejamento estratégico. Produção de informações estratégicas. Tomada de decisão.	B1
	LAURINDO,	A inteligência	Revista	2017	Inteligência	B1

	Kariane Regina; PEREIRA, Ana Maria; SPUDEIT, Daniela.	competitiva em organizações especialistas brasileiras: um breve estudo.	Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo		Competitiva. Organizações especialistas em Inteligência Competitiva. Bibliotecário. Inteligência Competitiva.	
	PALETTA, Francisco Carlos; SILVA, Leonardo Gonçalves; SANTOS, Thamyres.	Informação empresarial: conceitos de relevância e pertinência aplicados a mídias sociais.	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo	2017	Informação. Organização da Informação. Inteligência Competitiva. Relevância e Pertinência da Informação. Monitoramento de Mídias Sociais.	B1
	AZEVEDO, Alexander Willian; ARAÚJO, Wagner Junqueira de; DUARTE, Emeide Nóbrega.	Prospecção de cenários para competências em informação como instrumento de inteligência competitiva.	InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação, Ribeirão Preto	2018	Gestão da informação e do conhecimento. Inteligência competitiva. Competência em informação. Cenários prospectivos.	B1
	JORGE, Carlos Francisco Bitencourt; VALENTIM, Marta Lúcia Pomim.	O processo de inteligência competitiva como ferramenta estratégica para os clubes de futebol.	Ciência da Informação, Brasília	2018	Inteligência competitiva. Informação esportiva. Ambientes esportivos. Clubes de futebol. Marília Atlético Clube.	B1
	CRUZ, André Luiz Valença; ARAÚJO JÚNIOR, Rogério Henrique.	Competências requeridas ao analista de crédito bancário como profissional de inteligência.	RICI: Revista Ibero-americana de Ciência Informação, Brasília.	2018	Análise de crédito. Competências profissionais. Gestão da informação. Inteligência competitiva. Processo de tomada de decisão.	B1